

**I CONGRESSO
DE EDUCAÇÃO FASESP:**
A RESIDÊNCIA EDUCACIONAL
E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES/AS

**I SIMPÓSIO
DE RESIDÊNCIA EDUCACIONAL:**
EXPERIÊNCIAS E PROPOSTAS
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

ANAIS DO CONGRESSO/SIMPÓSIO

**20
21**

I CONGRESSO

DE EDUCAÇÃO FASESP:

A RESIDÊNCIA EDUCACIONAL

E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES/AS

I SIMPÓSIO

DE RESIDÊNCIA EDUCACIONAL:

EXPERIÊNCIAS E PROPOSTAS

NA EDUCAÇÃO BÁSICA

SESI-SP editora

FACULDADE

SESI

DE EDUCAÇÃO

Departamento Regional de São Paulo**Presidente**

Josué Christiano Gomes da Silva

Superintendente do SESI-SP

Alexandre Ribeiro Meyer Pflug

Diretoria Corporativa

Marta Alves Petti

Gerência Executiva de Educação

Roberto Xavier Augusto Filho

Gerência Executiva de Cultura

Débora Viana

Gerência de Qualidade de Vida e Mercado

Pedro Luiz Caliarí

Diretor da Faculdade SESI-SP de Educação

Eduardo Augusto Carreiro

Coordenação editorial

Glauce Perusso Pereira Dias Muniz

Direitos autorais

Edilza Alves Leite

Viviane Medeiros de Souza Guedes

Edição

André Cáceres

Assistência editorial

Mariane Cristina de Oliveira

Preparação

Breno Beneducci

Revisão

Tarcila Lucena

Projeto gráfico e diagramação

Valquíria Palma

Agnes Diana

Coordenação de produção gráfica

Rafael Zemantauskas

Produção gráfica

Ana Carolina Almeida de Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Faculdade SESI-SP de Educação
Anais do I Congresso de Educação e I Simpósio de Residência Educacional / Faculdade SESI-SP de Educação. -- São Paulo: SESI-SP Editora, 2023.
130 p. ; PDE.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5938-353-5

1. Educação 2. Educação básica 3. Práticas pedagógicas 4. Professores - formação 5. Congressos e convenções 6. Residência educacional I. Título.

CDD: 370.71

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação Prática de ensino 370.71

Bibliotecário responsável: Luiz Valter Vasconcelos Júnior CRB-8 84460

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

PROF. DR. HUGO CESAR BUENO NUNES.....7

RESUMOS SIMPLES

LENDAS NAS CIÊNCIAS HUMANAS: O USO DO FOLCLORE BRASILEIRO EM SALA DE AULA E O PAPEL DA CULTURA POPULAR NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

AUTORA: VITÓRIA DOS SANTOS OLIVEIRA PRETO.....10

O PROCESSO DA PINTURA AFRICANA NO FAZER ARTÍSTICO: DESAFIOS DAS CORES E COMPREENSÃO

AUTOR: ANDERSON KLEBER NASCIMENTO.....12

O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA RESIDÊNCIA DURANTE A PANDEMIA

AUTOR: CLAUDIO BUSO14

A PEDAGOGIA VALORATIVA COMBINADA À DIDÁTICA HISTÓRICO-CRÍTICA: UMA PROPOSTA DE ENSINO POR ÁREA DE CONHECIMENTO

AUTORA: DAIS NERI RODRIGUES.....16

DOCÊNCIA COMPARTILHADA: UM ESPAÇO DE RELAÇÕES ENTRE DOCENTE, DISCENTE E ALUNO

AUTORAS: ANA SARA SOUSA HONORAT; ANA PAULA GOMES SEFERIAN.....18

CRIANÇAS TALENTOSAS E SUPERDOTADAS NO ENSINO FUNDAMENTAL I: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

AUTORA: SILVANA LEMES DE SOUZA21

ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO ENCARCERADO

AUTORAS: KARINA VIEIRA MARTINS ANTUNES LOPES; ROZANA APARECIDA MESSIAS LOPES.....24

ELABORAÇÃO E PROGRAMAÇÃO DO ROBÔ QUE AUXILIA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA ATRAVÉS DO SIMULADOR DE CIRCUITOS TINKERCAD	
AUTORA: SIMONE DE SOUZA PINTO	26
ERA UMA VEZ...: PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
AUTORAS: VITÓRIA CAROLINE DOS SANTOS; MARCIA CRISTINA ARGENTI PEREZ	28
ENSINO DE ARTE ATUAL: MANUAL OU DIGITAL?	
AUTORA: ANA PAULA BOAVENTURA MOTA DE LIMA	31
TECNOLOGIA DISRUPTIVA	
AUTORA: FLÁVIA REGINA DE OLIVEIRA	33
INCLUSÃO: OS DESAFIOS DE UMA PROFESSORA INICIANTE EM UM ANO PANDÊMICO	
AUTORA: LUCIANE MEES FONTES	35
O USO DO MINECRAFT PARA REPRESENTAR BIOMAS BRASILEIROS: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR ENVOLVENDO AS DISCIPLINAS DE ROBÓTICA E CIÊNCIAS DA NATUREZA	
AUTORES: NEDIR SOARES; BRUNA DE CÁSSIA ANTUNES	37
DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE DE INFERIR POR MEIO DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS: UM ESTUDO NUMA TURMA DE 1º ANO DO ENSINO MÉDIO	
AUTORA: ANDRÉA PAVAN PERIN	40
“QUERIAM SER TRATADOS COMO GENTE LIVRE”: UMA BREVE ANÁLISE DA HISTÓRIA DO TRABALHO EM SÃO PAULO, ATRAVÉS DAS ANÁLISES DAS REIVINDICAÇÕES DOS AFRICANOS ESCRAVIZADOS ILEGALMENTE NA ESTRADA DA MAIORIDADE – SÃO PAULO-SANTOS (1852-1862)	
AUTORA: MARIANA ALICE PEREIRA SCHATZER RIBEIRO	43
A CONTRIBUIÇÃO DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL PARA A AÇÃO DOCENTE	
AUTORES: MOZART C. DE MELO; LIDIANE DE SANTANA MENDONÇA	46
OS PARADIGMAS DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI	
AUTORA: THAÍS DOS ANJOS BERNARDO	48
COMPREENSÃO DO INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA: UMA EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL ENTRE ALUNOS MARROQUINOS E BRASILEIROS	
AUTORA: KARINA BATISTA DOMINGUES SARZI	50

GINÁSTICA DOS SUPER-HERÓIS AUTOR: MAURI JOSÉ CORRÊA TAMASHIRO AMARO.....	53
MARCAS QUE PERDURAM UMA VIDA, SOBRE A CONVIVÊNCIA ENTRE O PROFESSOR E O ALUNO DIANTE DE UMA COSMOVISÃO AUTORITÁRIA AUTORES: LUCIELE NASCIMENTO DA SILVA; RYAN DA SILVA.....	56
CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DISCENTE NA PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO SUPERIOR AUTORES: ADAILTON PINTO DE SOUZA; EDILENE LISBOA MARTINS.....	58
ANTI-CÓRPUS: PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO PELA LINGUAGEM DO CORPO AUTOR: JOÃO VÍTOR SILVA FRUTUOSO.....	60
PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE A INTERATIVIDADE NAS AULAS SÍNCRONAS EM SUA APRENDIZAGEM AUTORAS: CAMILA FERNANDES DE LIMA FERREIRA; CREUZA MARTINS FRANÇA; DIENE EIRA DE MELLO; DIRCE APARECIDA FOLETTI DE MORAES.....	62
AS TIC OPORTUNIZANDO A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA E O DESENHO UNIVERSAL DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS AUTORAS: ANDRÉIA DAS GRAÇAS MOREIRA CLARO; SHERRINE BASTOS COIMBRA SILVESTRE.....	65
ENSINO FUNDAMENTAL: ATIVIDADES INCLUSIVAS PARA ALUNOS AUTISTAS AUTORA: CAMILLA OLIVEIRA OSTI.....	68
EDUCAÇÃO INCLUSIVA E FORMAÇÃO DOCENTE: O DISTANCIAMENTO DO DISCURSO DE INCLUSÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE AUTORA: WILDILENE MOREIRA BISPO.....	70
DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES: O TORNEIO DE DEBATES COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA AUTORAS: ROSANGELA CRISTINA DIEGOLI; FLÁVIA BERGAMO CALDERARI SANCHEZ; GISELE FERNANDA LICERRE.....	72
CONTRIBUIÇÃO PSICANALÍTICA NA EDUCAÇÃO: A TRANSFERÊNCIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA AUTOR: CLAUDINEI CHELLES.....	75

TRANSFORMAÇÕES GEOMÉTRICAS POR MEIO DA DOBRADURA
AUTORES: HIULY MACHADO DA COSTA; PAULO ANTÔNIO; FERNANDA APARECIDA;
VALÉRIA NAKAYAMA RUIZ77

**O COTIDIANO NO CHÃO DA ESCOLA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA
DE UMA EDUCADORA EM FORMAÇÃO**
AUTORAS: MARCELA BIANCA GUEDES LOPES; BIANCA RIGAMONTI
VALEIRO GARCIA79

■ RESUMOS AMPLIADOS

**QUAL OLHO QUE VÊ?... OU À GUIA DE UMA INVESTIGAÇÃO DO PAPEL
DA ORIENTADORA DE RESIDÊNCIA**
AUTORA: BIANCA R. V. GARCIA82

RESIDÊNCIA EDUCACIONAL: COMO QUALIFICAR A FORMAÇÃO DOCENTE
AUTORA: PROFA. DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV85

**PAPEL DA RESIDÊNCIA EDUCACIONAL E OS DESAFIOS NA FORMAÇÃO
INICIAL DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**
AUTORES: ANDRÉ YUITI OSAWA; JORGE TITON91

FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES/AS: O PAPEL DA ESCOLA BÁSICA
AUTORA: PROFA. MARESSA DUTRA98

**ELOS ENTRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E CULTURAL: EM QUESTÃO,
OS CURSOS DA FASESP**
AUTORA: JOSILMA GONÇALVES AMATO101

A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E O PAPEL DA ESCOLA BÁSICA
AUTOR: PROF. DR. JOÃO ALEGRIA110

**A RESIDÊNCIA EDUCACIONAL NA FACULDADE SESI-SP DE EDUCAÇÃO:
UMA EXPERIÊNCIA POTENTE NA FORMAÇÃO INICIAL DE DOCENTES**
PROF. DR. HUGO CESAR BUENO NUNES114

A RELAÇÃO ESCOLA E RESIDÊNCIA EDUCACIONAL: PONTES EM CONSTRUÇÃO
PROFA. DRA. CLAUDETE DE SOUSA NOGUEIRA124



APRESENTAÇÃO

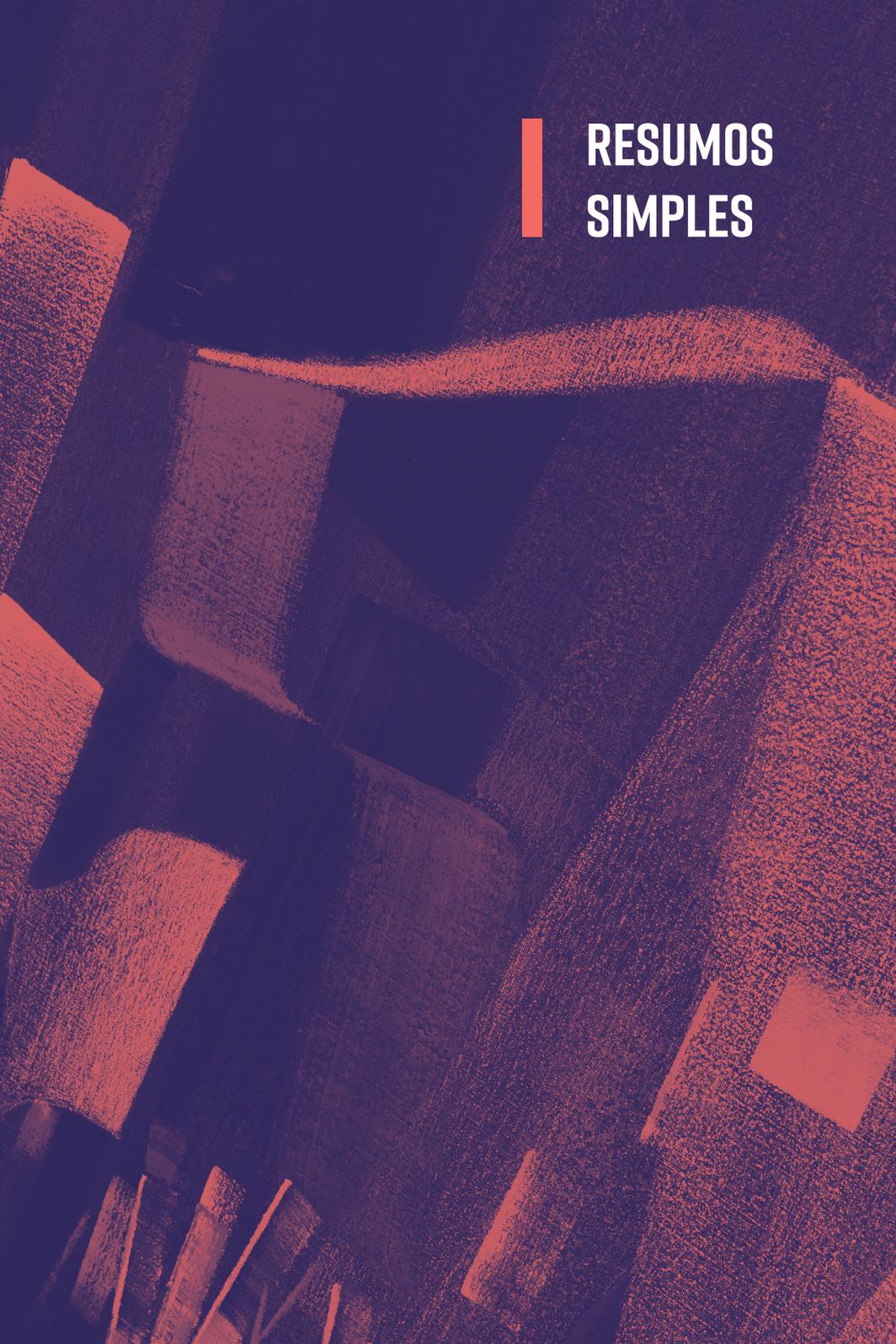
Caro/a leitor/a, a Faculdade SESI-SP de Educação (FASESP) vem desde 2017 trabalhando na formação inicial de docentes para a Educação Básica, com cursos voltados para as quatro áreas do conhecimento (Ciências Humanas, Linguagens, Ciências da Natureza e Matemática). Visto o grande desafio de formação inicial e continuada que temos no Brasil, tais cursos de licenciatura nasceram com o propósito de religar os saberes que durante muito tempo – e ainda – se fragmentam na formação de nossas crianças e jovens. Para isso, as licenciaturas da Faculdade SESI têm em seu currículo a residência educacional, a qual se aproxima em certa medida do antigo estágio supervisionado, porém com uma grande diferença, a residência é praticada pelos discentes desde o primeiro semestre do seu curso. O estudante passa oito semestres imerso, com uma carga horária relevante, dentro de escolas de educação básica, sendo acompanhado por um professor/orientador de residência da Faculdade com encontros semanais.

Diante desse contexto, urge discutirmos com nossos pares e com todos que têm interesse na formação inicial e continuada de professores e professoras como vem se dando a relação da residência com as escolas e qual efeito dela na produção pedagógica e formação desses/as atores/as. Assim, é com imenso prazer que publicamos os anais referentes ao I Congresso

de Educação FASESP: a residência educacional e a formação inicial de professores/as e ao I Simpósio de Residência Educacional: experiências e propostas na Educação Básica, realizados em novembro de 2021 na Faculdade SESI-SP de Educação.

Esperamos que estes trabalhos possam inspirar novas práticas pedagógicas e que a Educação de fato seja compreendida como fundamental em nossa sociedade. Que tenhamos, nestes relatos de experiências, uma faísca de esperança para uma sociedade mais justa.

PROF. DR. HUGO CESAR BUENO NUNES
Coordenador da Residência Educacional
Faculdade SESI-SP de Educação



**RESUMOS
SIMPLES**



LENDAS NAS CIÊNCIAS HUMANAS: O USO DO FOLCLORE BRASILEIRO EM SALA DE AULA E O PAPEL DA CULTURA POPULAR NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

AUTORA: VITÓRIA DOS SANTOS OLIVEIRA PRETO

RESUMO:

Durante o período de residência educacional, constatamos que o conteúdo em sala, apesar das muitas mudanças na educação brasileira, não conseguiu se libertar da identidade colonial. O projeto “Lendas” se propõe a refletir, construir e ecoar itinerários formativos em contexto escolar para quebra de paradigmas constantes de culturas hegemônicas por meio de trilhas pedagógicas decoloniais que vibram por caminhos responsivos, afetivos e de encontro com as perspectivas discentes e docentes. O planejamento emprega o uso da cultura popular, em específico o folclore, que carrega marcas culturais, temporais e sociais, como ferramenta pedagógica nos espaços formativos. A proposta, que começou como um projeto para retomar histórias esquecidas e com o desenrolar da pesquisa passou a ser entendida por nós como uma importante metodologia pedagógica, não só para que não houvesse o apa-

gamento de todo um conjunto rico de costumes, histórias, saberes e manifestações, mas também para que houvesse uma base de identificação para que os alunos pudessem se munir de suas histórias e voltassem a ter contato com a cultura de seu povo, tendo então suporte para a construção de uma identidade singular, mas também a noção de pertencimento e ligações sociais com sua terra e povo. Após muita pesquisa acerca da cultura popular brasileira com enfoque no folclore presente no território nacional, pudemos construir o projeto que visa mobilizar a metodologia para o estudo de fenômenos explanados pelos conceitos das ciências humanas. O projeto, que se materializou através de uma aula – durante a residência educacional – e das interações prévias que fizemos com o grupo de prova, tem como principal objeto de análise as contribuições trazidas pelos alunos durante o percurso. Com isso, esperamos possibilitar a desconstrução de ideias preconceituosas e errôneas no que diz respeito ao folclore brasileiro, dando a essas lendas e mitos uma ligação com a realidade atual e as problemáticas que vivemos hoje em dia.



O PROCESSO DA PINTURA AFRICANA NO FAZER ARTÍSTICO: DESAFIOS DAS CORES E COMPREENSÃO

AUTOR: ANDERSON KLEBER NASCIMENTO

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo analisar a figura africana no fazer artístico dentro da História Visual, por meio da análise da importância da ilustração de figuras afrodescendentes. Contextualiza a problemática da pintura, a desconstrução pelas cores das figuras africanas, representada principalmente pelo estudante no fazer artístico. A prática analisou o método da ilustração obtida pelos estudantes e os entraves de como realizar a pintura pelas cores que descrevem a afrodescendência, esbarrando no conceito único de cor, internalizado pelos padrões sociais. A condução teórico-metodológica da investigação direcionou-se pela observação na atividade realizada em sala de aula pelo eixo que atravessa a contextualização histórico-social da escolarização. A metodologia privilegiou a transição da figura africana na etnografia, que preza pela interpretação qualitativa das atividades realizadas no contexto de ensino-aprendizagem e a valorização da importância do uso das cores na identidade africana.

Os resultados obtidos pela análise da observação deixaram evidenciado o despreparo do estudante em como retratar a figura africana: as raízes sociais dos padrões europeus tiveram destaque ao olhar o desenho e as cores da ilustração, produzindo uma figura que nunca fora trabalhada em sala de aula. Ou seja, a discussão faz-se necessária para o entendimento da pluralidade das raças dentro da História da Arte. O objetivo torna claro que a construção artística dentro da perspectiva africana ainda é um tema que os estudantes desconhecem na produção da pintura, demonstrando dificuldade para obter a cor que representa essa nação e estampar a representatividade nas atividades. O viés da realização das cores impostas por um período gerou grande impacto, a problemática apresentada em sala de aula não era algo hipoteticamente levantado com dúvidas, já que historicamente temos uma multiculturalidade, o que deixa dentro da produção um questionamento que os profissionais precisam trabalhar, discutir, analisar e reconhecer como forma de arte, tendo entre suas particularidades as cores.



O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA RESIDÊNCIA DURANTE A PANDEMIA

AUTOR: CLAUDIO BUSO

RESUMO:

Compreendemos que as tecnologias digitais estão presentes no cotidiano de nossas vidas e na relação escolar. No contexto de pandemia não foi diferente: o uso dos recursos digitais se mostrou bastante importante neste momento que vivemos de pandemia, sem eles seria impossível dar continuidade ao ensino. Notamos na residência educacional a nítida importância das tecnologias digitais nas elaborações e apresentações das aulas, na produção de trabalhos e provas, nos agendamentos e recados, na interação entre alunos e professores. Possibilitou trazer experiências de interdisciplinaridade, promovendo encontros que envolviam História, Geografia, Filosofia e Sociologia. O uso de ferramentas digitais também permitiu que alunos, professores e residentes produzissem mapas mentais, sendo esta uma ferramenta muito eficiente para mostrar suas principais impressões sobre os temas propostos, facilitando a memorização dos conteúdos. A atuação na residência educacional, acompanhando, mesmo que de modo remoto, professores-mentores em suas aulas, tornou possível estabe-

lecer relações de parceria docente, tal como a formulação de uma roda de conversa com um morador da Rússia, oportunizando aos estudantes um contato direto com essa realidade, que apenas pela mediação tecnológica foi possível. Isso nos faz refletir em dar continuidade ao uso desses recursos, que por muitas vezes poderão levar os alunos a lugares em que seria impossível ou muito custoso estarem presencialmente. De forma ágil, conseguimos buscar informações e selecionar conteúdos apropriados para as apresentações. A participação na residência educacional é fundamental para que possamos ter essa percepção da utilização desses recursos digitais, nos apoiando na apresentação dos conteúdos com imagens, planilhas, videoconferências, pesquisas, músicas e outras muitas possibilidades de promover uma melhor interação e participação dos alunos. Percebemos que, mesmo com a diminuição ou término da pandemia, os recursos digitais serão fundamentais e cada vez mais utilizados, a aproximação dos alunos com essas tecnologias é cada vez mais presente, bem como o domínio desses recursos, fundamentais para professores e alunos.



A PEDAGOGIA VALORATIVA COMBINADA À DIDÁTICA HISTÓRICO-CRÍTICA: UMA PROPOSTA DE ENSINO POR ÁREA DE CONHECIMENTO

AUTORA: DAIS NERI RODRIGUES

RESUMO:

A partir da experiência no Programa de Residência e na formação por área de conhecimento da Faculdade SESI-SP de Educação, elaboramos uma proposta de ensino por área de conhecimento para as Ciências Humanas, partindo da combinação da educação em valores e da didática para a pedagogia histórico-crítica. A aplicação se deu com 30 jovens que cursam o segundo ano do ensino médio em uma das unidades da rede SESI-SP. Acreditamos que a combinação das duas propostas é uma alternativa para um processo de ensino-aprendizagem significativo, que combina conteúdos centrais das Ciências Humanas com competências específicas a serem desenvolvidas pela área. Somado a isso, oferece a possibilidade de um desenvolvimento mais humano com um processo de ensino-aprendizagem voltado para experiências e olhares críticos fundamentados em aportes teóricos e científicos atuantes de forma transversal com os temas da área de conhecimento das Ciências Humanas – valores que promo-

vam os direitos humanos, estruturando uma sociedade mais justa e solidária. Ao problematizar a paisagem do cotidiano dos jovens dessa escola, nos propomos a trabalhar, por meio de processos educativos, uma prática social realizada além da sala de aula – na comunidade que fica no entorno da escola –, deslocando esse aluno para situações reais, em que a desigualdade social e a vulnerabilidade estão presentes. Os alunos da unidade SESI-SP, por meio dessa prática de ensino, tiveram seus olhares deslocados para questões antes não problematizadas e construíram a partir desse processo uma nova postura e compreensão da realidade, posicionando-se de forma consciente para o entorno da sua escola, adquirindo valores que respeitam e promovem os direitos humanos. Essa proposta contribuiu para compreendermos a importância das manifestações culturais dos jovens no espaço escolar, além de ajudar a desenvolver um olhar mais crítico e menos preconceituoso à condição juvenil. Julgamos que, com essa mudança de perspectiva, o percurso formativo se tornará mais significativo e prazeroso para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Por fim, consideramos que a escola é um território no qual transitam inúmeros sujeitos que diariamente estão construindo e testando suas identidades, e por isso esse espaço precisa acolher e respeitar as diversidades culturais.



DOCÊNCIA COMPARTILHADA: UM ESPAÇO DE RELAÇÕES ENTRE DOCENTE, DISCENTE E ALUNO

AUTORAS: ANA SARA SOUSA HONORAT;
ANA PAULA GOMES SEFERIAN

RESUMO:

A ideia de docência compartilhada se iniciou na Alemanha, como bidocência, na década de 1970, na escola Flämming, pioneira na inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (CAUSSI, 2013). Por tanto defender a inclusão de crianças e jovens com deficiência no ensino regular, a ideia ganhou força com a união dos pais que integravam um coletivo conhecido como “grupo terapêutico de pais e filhos” (BEYER, 2005). Beyer falava dessa discussão acerca de que todas as crianças eram e são singulares, portanto não poderíamos exigir-lhes o mesmo conhecimento, nota ou desempenho em sala de aula. Assim começou a discussão no ensino educacional brasileiro. Nesse embalo, a bidocência passa a ser conhecida também como docência compartilhada, contemplando uma maior assistência aos múltiplos conhecimentos, às necessidades e à heterogeneidade de cada ser. Na presente pesquisa, analisamos a docência compartilhada com alguns aspectos de dois professores habilitados para sua atuação.

Contudo, pensando na experiência vivenciada na residência educacional e ofertada pela grade curricular na faculdade, falaremos sobre a docência compartilhada também como professor titular formado (docente) e professor em formação (discente). Buscamos refletir sobre a criação de um trabalho em que haja união, principalmente entre os professores, divisão de demandas e responsabilidades conectadas pelo mesmo processo de inovação do ser docente. O termo residência educacional é inabitual no cotidiano das instituições de ensino e, quando usado, designa um trabalho para inclusão de estudantes e não um espaço de escuta, aprendizado e construção do ser docente. O intuito da residência educacional ou pedagógica sempre foi um processo coletivo, como ressalta Nóvoa (2008) *apud* Costa e Fontoura (2015): “O processo deve ser concebido como algo coletivo, havendo amparo, em especial, aos menos experientes no exercício da profissão, tendo em vista que o primeiro contato com a docência pode ser ótimo, mas também pode ser intimidante, dependendo da forma que o processo é conduzido”. Está entre seus objetivos ponderar sobre os diálogos e as questões que norteiam a complexidade nas vivências dos professores; identificar ações para intervir de forma coletiva e compreensiva; e, principalmente, aproximar a rede de ensino regular da instituição de ensino do professor-residente. A experimentação da docência compartilhada perpassa o meu cotidiano e o dos meus colegas de trabalho e é latente na nossa formação, a Faculdade SESI-SP de Educação possibilita a experiência desde nosso

primeiro momento na licenciatura. Entramos em ação por meio da pesquisa-formação, colocando-nos à frente das dificuldades educacionais, dos desafios que deveremos enfrentar com propostas de intervenção e ações reflexivas, contribuindo para a nossa formação, para a resolução de conflitos, seja com crenças mútuas ou ideias distintas, para o exercício da generosidade, para a difusão de saberes que serão sempre compartilhados de forma conjunta e colaborativa, possibilitando a entreatajuda nas demandas, para que haja encontro humanizado.



CRIANÇAS TALENTOSAS E SUPERDOTADAS NO ENSINO FUNDAMENTAL I: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

AUTORA: SILVANA LEMES DE SOUZA

RESUMO:

O presente estudo de revisão sistemática tem como objetivo pesquisar as produções acadêmicas que retratam as crianças talentosas e superdotadas no Ensino Fundamental I, bem como analisar o quanto escolas e pessoas envolvidas no processo educativo estão preparadas para trabalhar com esses alunos. Para a efetivação da pesquisa foram utilizados como base trabalhos e artigos científicos publicados nos últimos anos, disponíveis em plataformas e *sites* de referência internacional, sendo eles: REDIB – Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico, DOAJ – Directorio de Revistas de Acceso Abierto, SciELO – Scientific Electronic Library Online, Dialnet, Portal Regional en Salud – Organización Panamericana de la Salud, Scopus, ERIHPLUS (European Reference Index for the Humanities and Social Sciences), Catálogo CAPES. O período escolhido para esse estudo compreende os 20 últimos anos. Apesar de ser um período considerável, a revisão sistemática tem um público-alvo

diferenciado: crianças de seis a dez anos. Tendo em vista que os últimos trabalhos de revisão tratam do tema de uma forma mais ampla com pouquíssimas referências à faixa etária em questão, optou-se por analisar as produções desse período, porém selecionando-se os títulos que abordavam as altas habilidades e superdotação (AH/SD) associadas às práticas pedagógicas docentes, legislação pertinente, apoio às famílias e preparo dos professores, coordenadores e gestores que recebem esses alunos. A escolha dos artigos seguiu critérios de categorização de conteúdos como os descritos anteriormente e apresentados posteriormente em quadros, facilitando a análise de acordo com o objetivo do trabalho. Dessa forma, foram verificados 2.465 trabalhos, entretanto, 624 foram escolhidos para compor uma planilha do Excel. Dessa planilha, 340 foram separados, mas apenas 20 foram utilizados para análise. A primeira fonte de pesquisa a ser estudada foi a plataforma de periódicos CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, vinculada ao MEC – Ministério da Educação, por estar em língua portuguesa. Na sequência, REDIB, Redalyc – Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal, DOAJ, SciELO, Dialnet, Portal Regional en Salud – Organización Panamericana de la Salud, Scopus e ERIHPLUS. Constatou-se que as produções existentes sobre o tema permanecem no âmbito das discussões terminológicas, com as mesmas respostas de que a divergência de opiniões prejudica o trabalho com

essas crianças, necessitando urgentemente que se atente para a melhoria da formação docente e suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, percebe-se o quanto é necessário atentar para as mudanças nas próprias instituições formadoras de profissionais para atuarem com crianças talentosas, pois as produções acadêmicas dos últimos 20 anos apresentam os mesmos questionamentos e os mesmos problemas. Enquanto as discussões permanecerem no âmbito das ideias e do papel e não forem colocadas em prática, será como dar passos para trás. Da mesma forma que pesquisas apontam que a divergência entre teoria e prática atrapalha o desempenho dos profissionais com esses alunos, manter as discussões de que isso é fato sem modificar a prática docente e sem oferecer cursos de aperfeiçoamento não trará mudanças.



ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO ENCARCERADO

AUTORAS: KARINA VIEIRA MARTINS ANTUNES LOPES; ROZANA APARECIDA MESSIAS LOPES

RESUMO:

Este projeto consiste em uma pesquisa narrativa, de cunho qualitativo, sobre a possibilidade de o ensino de língua inglesa poder contribuir para a construção da identidade do indivíduo em privação de liberdade, em uma escola carcerária do município de Presidente Prudente, interior de São Paulo. Sendo assim, buscamos refletir sobre como se dá o ensino de língua inglesa nesses ambientes em que os sujeitos estão limitados e sem o acesso à tecnologia. Logo, enfocaremos as práticas empreendidas nas aulas de Língua Inglesa e, tendo como esteio a ideia de que a aprendizagem pode provocar processos de constituição identitária do indivíduo, buscamos responder ao seguinte questionamento: como o ensino da língua inglesa, para um grupo de homens encarcerados, pode ampliar possibilidades de construção de suas identidades como sujeitos de um mundo globalizado, onde a língua inglesa sustenta relações de dominação? Para isso, nos am-

paramos nos pressupostos da pedagogia histórico-crítica e da linguística crítica para desenvolvermos uma investigação com os seguintes objetivos: (a) refletir a prática do docente de Língua Inglesa em uma turma de EJA de uma escola carcerária, (b) analisar qual é o papel do ensino da disciplina na vida dos estudantes encarcerados, (c) refletir porque ela é vista como a menos importante dentro do contexto escolar e (d) compreender a formação identitária do ponto de vista da cultura para a aquisição de um idioma.



ELABORAÇÃO E PROGRAMAÇÃO DO ROBÔ QUE AUXILIA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA ATRAVÉS DO SIMULADOR DE CIRCUITOS TINKERCAD

AUTORA: SIMONE DE SOUZA PINTO

RESUMO:

Como uma alternativa para otimizar e dinamizar os processos pedagógicos, a utilização de tecnologias na educação aprimora as práticas de ensino e aprendizagem, auxiliando o aluno na construção de seu conhecimento e no desenvolvimento de novas competências, tais como criatividade, autonomia, empreendedorismo, auxiliando-o a pensar, a resolver problemas, além de diminuir os níveis de analfabetismo digital. São notórios o interesse e o envolvimento dos estudantes com tecnologias, possibilitando o desenvolvimento de uma metodologia diferenciada e envolvente. A disciplina de Programação e Robótica, durante o período de pandemia, foi e continua sendo beneficiada com a utilização de recursos tecnológicos como simuladores, *sites* para o desenvolvimento de jogos e aplicativos, *blackboard*, entre outros. A utilização de simuladores de circuitos elétricos se apresentou atrativa e eficiente, pois, nessa perspectiva, o aluno aprende de maneira construtiva e interativa, sendo apoiado na compreensão e nas funcio-

nalidades do Arduino e de outros componentes eletrônicos. Com o auxílio do simulador de circuitos Tinkercad (www.tinkercad.com), os alunos do primeiro ano do Ensino Médio desenvolveram e programaram um projeto no Arduino chamado “Robô que auxilia pessoas com deficiência”. Os discentes, no primeiro momento individualmente, elaboraram um projeto a ser desenvolvido no Arduino e, após a apresentação dos projetos individuais, houve a escolha do projeto final a ser desenvolvido de maneira colaborativa pela turma. Foram utilizados sensores de distância, sensores piezoelétricos, resistores, placa de contatos elétricos e o Arduino. O objetivo do projeto desenvolvido é alertar deficientes visuais sobre a presença de obstáculos no caminho. O Robô, assim chamado pelos estudantes, deve ser instalado na extremidade de uma bengala e emite som à distância de 30 cm de qualquer obstáculo. Durante toda a execução do trabalho foi possível observar a motivação e o interesse dos alunos com o trabalho, as sugestões, a inserção de componentes eletrônicos. Os estudantes desenvolveram a originalidade, o trabalho cooperativo e colaborativo através de sua criatividade e propuseram e implementaram seu projeto.



ERA UMA VEZ...: PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTORAS: VITÓRIA CAROLINE DOS SANTOS; MARCIA CRISTINA ARGENTI PEREZ

RESUMO:

Pautada na Psicologia Histórico-Cultural, a presente pesquisa valoriza a linguagem como prática social humanizadora que permeia o processo de aprendizagem do sujeito. Dessa forma, intenciona-se analisar, a partir do levantamento de dados na Base de Dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a existência ou não de estudos acerca dos primeiros contatos do bebê e da criança pequena com práticas de leitura, sobretudo a leitura de livros literários e a contação de histórias, na Educação Infantil (EI). Alguns filtros foram definidos, tais como o período de publicação e as universidades em questão, que foram, respectivamente, de 2016 a 2020 e as universidades paulistas – USP, Unesp e Unicamp. Sendo assim, esta pesquisa constitui-se como bibliográfica. Seu objetivo principal é analisar estudos sobre práticas de leitura na Educação Infantil. Ademais, pretende-se compreender como essa temática tem sido abordada nos últimos anos e quais as contribuições para o ensino e a formação docentes.

O levantamento de dados na BDTD com o descritor “Práticas de leitura na Educação Infantil” apresentou um resultado inicial de 87 trabalhos. Desses, 16 foram selecionados por abordarem o tema aqui desenvolvido. Em seguida, iniciou-se o processo de leitura, fichamento e análise dos trabalhos com base em quatro eixos norteadores: tipos de práticas de leitura, referencial teórico, atuação docente e protagonismo infantil. Como resultados prévios de nove pesquisas até o momento analisadas, é possível destacar que as práticas de leitura são, em sua maioria, leitura de livros literários e contação de histórias. Já o referencial teórico mais citado é a Psicologia Histórico-Cultural, em especial Vygotsky. Em relação à atuação docente, as concepções desta consideram a importância das práticas de leitura desde a mais tenra idade para potencialização do desenvolvimento da criança, mesmo que tais práticas ainda não tenham se consolidado para atingir estas finalidades. E, sobre o protagonismo infantil, observa-se que, majoritariamente, os bebês e crianças são considerados pela observação das pesquisadoras e pelos discursos de educadoras. Algumas considerações a respeito dos achados desta pesquisa, ainda em andamento, são o não esgotamento temático e o apontamento de necessidades da Educação Infantil quanto às práticas de leitura. Apesar de existirem trabalhos nessa vertente, os desdobramentos e a necessidade de efetivação de práticas de leitura nas creches e pré-escolas validam novas pesquisas na área. Ademais, carências na formação inicial e continuada de educadores, relacionadas às práticas de leitura

ra, são um problema atrelado à falta de identificação desses profissionais com teorias pedagógicas necessárias ao trabalho docente e divergências no que se refere ao papel do pedagogo na instituição escolar. Percebe-se, por fim, que bebês e crianças inseridos no mundo letrado, quando mediados pelo professor, relacionam-se com as práticas de leitura de modo a terem seu desenvolvimento potencializado, o que demonstra a relevância da sistematização e intencionalidade do trabalho docente na Educação Infantil.

ENSINO DE ARTE ATUAL: MANUAL OU DIGITAL?

AUTORA: ANA PAULA BOAVENTURA MOTA DE LIMA

RESUMO:

Sabemos que a arte nasceu manual. Com o tempo ela se torna também digital. E na escola? Com um tema que abrange a temática da tecnologia na educação e suas relações, surge o problema: para o século XXI, é mais importante desenvolver habilidades no campo manual ou digital? Como o ensino de Arte pode contribuir para a construção de competências e habilidades dos alunos da Educação Básica na era digital, sem esquecer das habilidades manuais, e vice-versa? Qual é mais importante? É relevante também esclarecer que, ao usar a palavra manual, pretende-se dizer que os trabalhos são realizados à mão e não digitalmente, ou seja, confeccionar um cartaz usando régua, tesoura, tinta em vez da plataforma Canva, por exemplo. O momento de pandemia trouxe esses questionamentos, estávamos tão mergulhados em conhecer outras ferramentas, recursos tecnológicos para desenvolver habilidades nos alunos e motivá-los a participar das aulas que, quando voltamos, os alunos “reclamaram” que não sabiam mais desenhar. Devemos, então, voltar à produção de trabalhos mais manuais e menos tecnológicos? Esquecer das habilidades que são desenvolvidas quando o aluno usa

as mãos? O artigo tem como objetivo analisar e confrontar habilidades e competências desenvolvidas tanto na esfera do trabalho manual quanto no digital; reconhecer o seu desdobramento no campo da aprendizagem, apontando como o estudante amplia seu conhecimento em ambas as esferas; reconhecer e valorizar o ensino da Arte na Educação Básica; apontar para a necessidade de formação inicial e continuada do professor no campo da tecnologia. Reflete também sobre a postura do professor pesquisador, inovador e comprometido com o desenvolvimento integral do aluno do século XXI. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre as habilidades e competências desenvolvidas no ensino de artes, seja em atividades manuais ou digitais, para que se pudesse confrontá-las e analisá-las à luz das teorias da Aprendizagem Significativa, de Ausubel, Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa e alguns pensadores da tecnologia na escola, além da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Conclui-se que, para o bom desenvolvimento integral do estudante, se faz necessária uma proposta de práxis que envolva tanto o campo manual quanto o digital em atividades no ensino de Artes.



TECNOLOGIA DISRUPTIVA

AUTORA: FLÁVIA REGINA DE OLIVEIRA

RESUMO:

Tecnologia disruptiva. Objetivo: trabalhar a leitura em meio ao ensino a distância durante a pandemia. Métodos: em um contexto de sala de aula, na minha prática com o terceiro ano do Ensino Fundamental I, fazíamos muitas rodas de leitura, em que os estudantes eram convidados a escolher títulos que gostaram de ler e compartilhar um trecho ou sua totalidade, quando não se tratava de um livro muito extenso, com os colegas. Isso incentivava a leitura, a busca por livros que julgassem interessantes, bem como a crítica literária, visto que, quando selecionavam uma obra que não tinha um conteúdo que quisessem compartilhar, iam em busca de outra, pois conseguiam julgar seus gostos e preferências por gêneros textuais trabalhados. Essa roda de conversa se dava num momento esperado por todos. Porém, com o início das aulas remotas, embora a ideia continuasse, as crianças perdiam o foco de atenção enquanto o colega lia, o que fez com que o encontro deixasse de ser prazeroso e proveitoso. Foi então que surgiu a ideia de gravar *podcasts* de leituras, seguindo o grande exemplo do nosso bibliotecário Oscar Garcia, que havia criado o *podcast* “O prazer de ler”, que vinha dando

excelentes frutos. Resultados: a partir daí os estudantes foram incentivados às leituras por eles selecionadas, e nas aulas remotas, síncronas ou assíncronas, ouvíamos e no momento oportuno conversávamos sobre o conteúdo compartilhado. Conclusão: os estudantes gostaram tanto da ideia que começaram a compartilhar as leituras além da sala de aula. Essa é uma prática de Ensino Híbrido com tecnologia disruptiva porque foi inovadora a maneira de se trabalhar a leitura. Também foi revolucionária no sentido de que, como iriam gravar áudios, os estudantes tinham preocupação em se ouvir e se autocorrigir quando necessário, além de treinarem a leitura antes da gravação. Portanto isso fez com que a turma, de modo geral, melhorasse muito na leitura, apresentando maior fluência.



INCLUSÃO: OS DESAFIOS DE UMA PROFESSORA INICIANTE EM UM ANO PANDÊMICO

AUTORA: LUCIANE MEES FONTES

RESUMO:

Este estudo aborda a temática da inclusão em um cenário pandêmico que fechou as escolas por um prazo indeterminado no ano de 2020 e submeteu o ensino a uma modalidade remota e de distanciamento social, tendo como principais ferramentas para o ensino a internet e as redes sociais. Perante essa realidade, observou-se a prática de uma professora iniciante com as inseguranças e incertezas da sua própria adaptação às rotinas e fazeres do dia a dia da sala de aula. Esta pesquisa teve abordagem qualitativa e fundamentada em procedimentos de pesquisa bibliográfica e pesquisa-ação, realizada a partir de uma leitura analítica e de objetivos exploratórios. Os objetivos da pesquisa foram investigar as barreiras para inclusão diante de um cenário pandêmico, bem como refletir sobre a importância do acolhimento da equipe escolar no contexto do professor iniciante. A observação se deu no ciclo I do Ensino Fundamental, em uma escola pública municipal no interior do estado de São Paulo com alunos do segundo ano. Uma sala era mista, com

alunos que alcançaram e outros que não alcançaram as habilidades e competências previstas para o ano, alunos com encaminhamento para atendimento de profissionais da equipe multidisciplinar e uma aluna com Atendimento Educacional Especializado. Em virtude da observação e reflexão sobre as parcerias firmadas entre gestão, docentes e famílias, constatou-se, neste estudo, que as barreiras atitudinais referentes ao processo de inclusão são os principais impeditivos que precisam ser suplantados para o sucesso e a efetivação da inclusão escolar. A gestão democrática da escola, o trabalho colaborativo multidisciplinar e a parceria entre professores experientes e iniciantes corroboraram práticas mais efetivas e assertivas no trabalho docente da professora iniciante. O apoio da equipe escolar abriu oportunidades para trocas que firmaram a parceria entre família e escola, o que culminou em uma ação inclusiva de valiosos aprendizados para alunos, famílias, docentes e gestores da escola.



O USO DO MINECRAFT PARA REPRESENTAR BIOMAS BRASILEIROS: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR ENVOLVENDO AS DISCIPLINAS DE ROBÓTICA E CIÊNCIAS DA NATUREZA

AUTORES: NEDIR SOARES; BRUNA DE CÁSSIA ANTUNES

RESUMO:

Diferentes pesquisadores reconhecem a importância de desenvolver conceitos durante o ensino de ciências por investigação e outros sinalizam a influência do contexto do estudante durante a aprendizagem nesse tipo de abordagem. Assim, apresentamos este projeto com o objetivo de atrelar o aprendizado de conceitos científicos à tecnologia presente no jogo Minecraft, que é um *game* muito conhecido e faz parte do cotidiano de muitos estudantes. Método: a atividade iniciou-se durante a aula de Ciências Naturais, na qual os grupos de estudantes foram desafiados a representar os biomas brasileiros no ambiente virtual do jogo Minecraft. Para realizar essa atividade, os estudantes realizaram uma pesquisa que levantou dados referentes a esses biomas. Os diferentes dados encontrados na pesquisa foram anotados, debatidos em sala de aula e legitimados pelos estudantes e pela professora como

dados relevantes que caracterizam os diferentes biomas. Conceitos como fatores bióticos, abióticos, fauna e flora também foram explorados nesse momento de discussão. A partir dos dados encontrados na pesquisa, os estudantes foram desafiados a representar esses elementos utilizando a plataforma digital Minecraft Education Edition. O Minecraft é um jogo de mundo aberto que tem por objetivo promover a criatividade, colaboração e solução de problemas em um ambiente imersivo. Durante as aulas de Robótica, os estudantes aprenderam a colocar e editar o NPC (*non-playable character*). No jogo, o NPC é um personagem não jogável que teve a função de descrever as características do bioma, e outros elementos do jogo também foram explorados pelos estudantes para representar o bioma. O trabalho colaborativo no ambiente virtual também foi favorecido, uma vez que os alunos conseguiram participar da construção coletivamente. Ao final do projeto, apresentaram e debateram as construções elaboradas a partir da investigação realizada. Resultados: por meio da observação dos estudantes e da análise das discussões que ocorreram durante a realização da atividade, supomos que a utilização de uma plataforma digital somada ao ensino de ciências por investigação demonstra ser um poderoso recurso educacional para promover aprendizagem de conceitos científicos e favorecer um maior engajamento dos estudantes durante as aulas de Ciências e Robótica. Também foi possível identificar a apropriação dos conceitos relacionados aos biomas por meio das representações e a apropriação dos conceitos

de Robótica por meio das discussões e do compartilhamento dos conhecimentos referentes ao jogo, até mesmo para além daqueles preestabelecidos nas aulas. Conclusão: concluímos que, ao relacionarmos a tecnologia presente na plataforma Minecraft com o ensino de ciências por investigação, favorecendo a interdisciplinaridade entre duas disciplinas, proporcionamos um ambiente de aprendizagem que permite a criação e a montagem de inúmeros cenários que representam de forma bastante satisfatória e criativa as características dos biomas encontrados no Brasil, bem como a promoção do engajamento dos estudantes durante a realização de toda a atividade.



DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE DE INFERIR POR MEIO DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS: UM ESTUDO NUMA TURMA DE 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

AUTORA: ANDRÉA PAVAN PERIN

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir as contribuições da utilização de um guia auxiliar na resolução de problemas com uma turma do 1º ano do Ensino Médio. Como PAC (Professora por Área de Conhecimento) na minha unidade, CE 428, em um diagnóstico inicial foi observado que os alunos encontravam algumas limitações quando se deparavam com atividades que requerem a habilidade de inferir. Desse modo, busquei compreender de que forma as aulas de Matemática poderiam contribuir para o desenvolvimento dessa habilidade. É sabido que a rede SESI tem como pressuposto para os processos de ensino-aprendizagem-avaliação de Matemática a resolução de problemas. Sempre senti falta na literatura de trabalhos que discutam essa metodologia com direcionamento maior para os estudantes, eles sempre se voltam para a formação dos professores. Tendo essas questões em vista, dediquei-me a elaborar e utilizar em sala o que

chamei de “guia auxiliar para a resolução de problemas”. Esse guia está dividido em quatro etapas, as quais buscam ajudar os estudantes a estabelecer um diálogo com a situação-problema. Na primeira etapa, a compreensão do problema, o aluno deve buscar: o que é conhecido (os dados); o que é desconhecido (o objetivo); as condições apresentadas, em outras palavras, o que o problema me diz? Na segunda etapa, a elaboração de um plano, os alunos são direcionados a refletir sobre: quais fórmulas/ideias matemáticas me ajudariam a resolver esse problema? Por quê? O que isso tem a ver com o que já aprendi? Na terceira etapa, eles devem executar o plano traçado na etapa anterior. E, finalmente, na quarta etapa, a verificação dos resultados, eles são encaminhados para verificar se a resposta encontrada faz sentido para o problema que está sendo resolvido. Assim, devem levantar os seguintes questionamentos: faz sentido? Por quê? Neste resumo, trago suas contribuições após uso e avaliação em uma turma do 1º ano do Ensino Médio. Amparada na técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, pude agrupar suas contribuições em três categorias: clareza e organização – segundo os estudantes, o uso do quadro lhes trouxe clareza no que se refere ao que estão buscando e como proceder nessa busca, ou seja, os ajuda a estruturar o trabalho de resolução de problemas; epistemologia – contribuiu no domínio do conteúdo em sua variedade de situações-problemas, linguagem, estrutura, argumentação e relações, pois verificou-se um avanço no que tange a aplicação e generalização do conhecimento matemá-

tico; diálogo – a partir do uso do quadro, o diálogo intensificou-se entre os estudantes, bem como a sua natureza foi modificada. Antes de seu uso, as falas dos estudantes eram mais voltadas para: “você sabe fazer? Quanto deu seu resultado?”. E agora discutem as informações, as condições que lhes são dadas e os caminhos que podem/devem ser percorridos. Com isso, entendemos que esse quadro, além de contribuir para o desenvolvimento da inferência, colaborou também para o desenvolvimento da autonomia.



“QUERIAM SER TRATADOS COMO GENTE LIVRE”: UMA BREVE ANÁLISE DA HISTÓRIA DO TRABALHO EM SÃO PAULO, ATRAVÉS DAS ANÁLISES DAS REIVINDICAÇÕES DOS AFRICANOS ESCRAVIZADOS ILEGALMENTE NA ESTRADA DA MAIORIDADE – SÃO PAULO-SANTOS (1852-1862)

AUTORA: MARIANA ALICE PEREIRA SCHATZER RIBEIRO

RESUMO:

A exploração do trabalho no Brasil, no século XIX, abrangeu questões complexas, pautadas pela precariedade da liberdade, pelo trabalho assalariado infrequente, além do trabalho compulsório e forçado. Nesse sentido, na província de São Paulo, importantes estabelecimentos públicos utilizaram a mão de obra dos africanos livres, ou seja, indivíduos submetidos à reescravização ilegal. A presente comunicação é um recorte da minha pesquisa de doutorado, a qual buscou compreender o que significava ser um africano livre arrematado aos canteiros de obras da Estrada da Maioridade. O empreendimento foi um dos projetos de modernização mais relevantes para a província de São Paulo, entre 1840 e 1862. A construção e a manutenção

das obras destinavam ligar a capital ao porto de Santos, perpassando as cidades de São Bernardo e Cubatão. A iniciativa visou dinamizar a comunicação, a circulação de pessoas, bem como o escoamento dos itens da economia agroexportadora, em especial o café, durante a segunda metade dos oitocentos. A apresentação analisará as reivindicações e a luta por melhores condições de vida dos tutelados, exemplificadas nos ofícios, correspondências e listas nominais produzidas pelos diretores da estrada, cuja documentação encontra-se depositada no Arquivo Público do Estado. Desse modo, homens e mulheres denunciaram os tratamentos precários recebidos, a morte de seus companheiros deixados ao desamparo, como também se dirigiram às autoridades policiais. As queixas e as estratégias realizadas pelos indivíduos permitem, portanto, discutir as concepções acerca da exploração do trabalho no século XIX. Embora fossem pontuais, as táticas de organização e ação dos africanos livres arrematados à estrada podem ser interpretadas, mediante um processo de formação de consciência de classe, mesmo que incipiente. Assim, o exame das experiências de vida e de trabalho dos indivíduos trouxe à luz discussões relativas à emancipação e à liberdade, em proporções inesperadas, impulsionando, inclusive, os arcabouços que sustentavam a própria escravidão no Brasil. Por conseguinte, a apresentação busca observar como as análises de fontes documentais diferenciadas e as noções acerca da História do Trabalho em São Paulo

podem favorecer as práticas pedagógicas e o processo de ensino e aprendizagem, através do conhecimento dos processos históricos, com suas rupturas e permanências vigentes até os dias atuais.

A CONTRIBUIÇÃO DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL PARA A AÇÃO DOCENTE

AUTORES: MOZART C. DE MELO;
LIDIANE DE SANTANA MENDONÇA

RESUMO:

A presente proposta busca contribuir com a reflexão sobre o papel da Orientação de Residência na superação da dicotomia entre prática e teoria, como afirmam Selma Garrido Pimenta e Maria do Socorro no artigo *Estágio e docência: diferentes concepções*, texto que servirá de base para este trabalho. A pergunta que norteia nossas reflexões se expressa em: a partir do olhar do residente, é possível identificar aspectos que estão presentes no processo de orientação que auxiliam nas reflexões e ações sobre as vivências da relação prática e teórica na Residência Educacional? Para as autoras, a reflexão sobre as práticas e ações é um elemento fundamental na construção da práxis docente, característica essa essencial para a transformação da realidade escolar e para a formação inicial e continuada dos profissionais da educação. As sessões de Orientação de Residência têm como objetivos formais o relato/partilha discente das situações vivenciadas nas escolas e a construção coletiva, junto ao orientador/a de residência,

de análises teórico-reflexivas de processos de mediação da relação com a experiência docente em formação. Tal processo demanda construção de um laço de confiança e responsabilização entre docente e discentes para que seja possível ocorrer o que Pimenta e Socorro (2005/2006, p. 61) afirmam, quanto ao conhecimento técnico-prático em relação a uma aprendizagem ao ensinar, uma vez que “(...) envolve, portanto, o conhecimento do objeto, o estabelecimento de finalidades e a intervenção no objeto para que a realidade seja transformada enquanto realidade social”. Esta proposta visa expressar um relato de experiência coletivo para compreender as sessões de Orientação de Residência enquanto um elo contributivo e necessário em que “as dimensões do conhecimento e da intencionalidade (atividade teórica) e a de intervenção e transformação (atividade prática) da atividade docente conferem-lhe o sentido de atividade teórico-prática – ou práxis” (PIMENTA; SOCORRO, 2005/2006, p. 61). Desse modo, temos como proposta expor exemplos que sintetizem as relações entre teoria e prática que puderam resultar em modificações (práxis) da atuação discente no espaço de Residência Educacional. Situações ocorridas durante a residência e que exigiram o exercício dessa ação serão apresentadas, contribuindo para a reflexão proposta. Possibilita-se ao público interessado uma primeira experiência com essa obra, considerada fundamental para os autores deste trabalho.

OS PARADIGMAS DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI

AUTORA: THÁÍS DOS ANJOS BERNARDO

RESUMO:

A proposta de trabalho a ser apresentada advém da síntese da iniciação científica intitulada “Os paradigmas da tecnologia na educação no século XXI”, que se constitui em investigar o paradigma das Novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (NTDIC) na Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC de 2018). Tal proposta investigativa surgiu a partir das observações, por meio da Residência Educacional, de lacunas que permeiam o processo de ensino e aprendizagem através das NTDIC. A fim de iniciar tal percurso, a pesquisa até este momento realizada busca compreender o contexto social, político e econômico do neoliberalismo, inserido no Brasil ao final do século XX, enquanto um dos enfoques para compreender a velocidade com que a lógica da tecnologia foi introduzida na sala de aula. Identificamos que houve uma passagem de um modelo de aula com lousa e giz para a presença de *wi-fi*, *notebooks* e plataformas de conteúdo com acesso disponível para os estudantes como componentes massivos em sala de aula. Essa velocidade, que

proporcionou dificuldades na comunicação por desencadear *fake news*, manipulação em massa com o uso de algoritmos e que colocou o Estado democrático à mercê de perigos, foi estudada e escrita por Evgeny Morozov, um dos autores lidos durante a pesquisa para analisar o embate da tecnologia com a democracia, conectando o processo de escolarização que é a óptica desta pesquisa. Nesse sentido, os objetivos da atual investigação concentram-se em compreender como a BNCC do Ensino Médio desenvolve o objeto das NTDIC, em examinar a forma como este documento aborda tais tecnologias, ou seja, se possui uma visão mercadológica, utilitarista, emancipadora etc. e, por último, em analisar o contexto em que a BNCC do Ensino Médio foi escrita para obter caminhos que alcancem o paradigma das NTDIC. A hipótese é a de que o conceito de NTDIC corresponde a uma demanda do mercado, apesar dos indicativos que orientam para uma utilização desses aportes de maneira consciente e com pensamento crítico. Os estudos se desenvolveram através de uma pesquisa bibliográfica exploratória de levantamento de conceitos, com uma curadoria das leituras, discussões e mapeamento dos assuntos que precisam ser estudados, como tecnologia, neoliberalismo, BNCC e afins.

COMPREENSÃO DO INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA: UMA EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL ENTRE ALUNOS MARROQUINOS E BRASILEIROS

AUTORA: KARINA BATISTA DOMINGUES SARZI

RESUMO:

Compreender o uso da língua inglesa sob a perspectiva de língua franca. Compreender e valorizar diferentes patrimônios culturais, materiais e imateriais, difundidos nas diferentes culturas. Utilizar as tecnologias da informação e comunicação de maneira significativa, com novas linguagens e modos de interação. Método: o projeto intercultural proporcionou a interação entre alunos brasileiros e marroquinos durante as aulas de Língua Inglesa da escola SESI (Serviço Social da Indústria), unidade 228, localizada em Botucatu, São Paulo. As interações foram iniciadas no mês de março de 2021 e finalizadas em abril do mesmo ano. Os participantes foram 20 estudantes que cursaram o oitavo ano do Ensino Fundamental e que participaram do projeto de maneira opcional. Os estudantes interagem virtualmente com 20 alunos da escola de idiomas Vitor Hugo, localizada na cidade de Beni Mellal, no Marrocos. Durante a realização do projeto, os estudantes da escola SESI realizavam aulas *online* devi-

do à pandemia do coronavírus, por isso todas as atividades vinculadas ao projeto ocorreram remotamente. O primeiro contato entre os alunos brasileiros e marroquinos ocorreu com a troca semanal de mensagens e imagens (*selfies*) em um mural colaborativo no *site* Padlet. Foram realizados encontros semanais via Teams entre os alunos brasileiros envolvidos no projeto e a professora de Língua Inglesa, de modo a socializar os resultados das interações realizadas no mural colaborativo e discutir as próximas etapas do projeto. A segunda interação entre os alunos brasileiros e marroquinos aconteceu em uma videoconferência realizada pela ferramenta Whereby. Os estudantes brasileiros e marroquinos apresentaram e discutiram oralmente aspectos relacionados à cultura de cada país. Foram utilizados recursos visuais, como o Google Apresentações e PowerPoint, para apresentar alimentos típicos brasileiros e marroquinos. A comunicação entre os estudantes aconteceu em inglês, com a mediação da professora de Língua Inglesa. O projeto foi finalizado com uma apresentação escrita em que os estudantes brasileiros socializaram as descobertas decorrentes das interações e refletiram acerca do inglês como língua franca. Conclusão: de acordo com as observações realizadas ao longo do projeto, os estudantes brasileiros demonstraram compreender o conceito de inglês como língua franca, visto que puderam experienciar seu uso como instrumento de comunicação entre pessoas que possuem línguas maternas distintas. Ao comparar as crenças iniciais dos estudantes brasileiros em

relação à cultura marroquina às reflexões da apresentação final, percebeu-se a ampliação da compreensão cultural. O projeto possibilitou ainda o uso significativo das tecnologias, dado que sem elas a interação intercultural seria dificultada.

GINÁSTICA DOS SUPER-HERÓIS

AUTOR: MAURI JOSÉ CORRÊA TAMASHIRO AMARO

RESUMO:

O projeto Ginástica dos Super-heróis busca, através de uma abordagem lúdica e interdisciplinar, apresentar os benefícios da ginástica, desenvolver e ensinar as diversas capacidades físicas e criar pontes com as diversas áreas do conhecimento. As capacidades físicas dentro dessa abordagem são personificadas nas características dos diversos personagens. A exemplo disso, a força do Incrível Hulk, do Homem de Ferro, da Mulher Maravilha, do Superman, da Supergirl, do Thor e do Capitão América. A flexibilidade da Mulher Elástica, do Homem-Aranha e do Homem-Borracha. A velocidade/agilidade do Flash, do Sonic e do Mercúrio. O projeto é desenvolvido em cinco pontos. No primeiro momento, abrindo o projeto, os alunos foram convidados a ir à escola fantasiados do seu super-herói favorito. Nesse primeiro ponto, as aulas consistiam em expor a vida dos super-heróis, as características físicas e classificar a capacidade física mais evidente de cada personagem. Foi sistematizado da seguinte forma: super-heróis da força, super-heróis da velocidade e super-heróis da flexibilidade. A capacidade física de resistência cardiorrespiratória foi associada à velocidade. No segundo

momento, junto aos alunos, foram criados os movimentos característicos de cada super-herói. Para isso, os educandos puderam escrever, desenhar e demonstrar. O terceiro ponto, a aprendizagem das capacidades físicas (força, capacidade cardiorrespiratória, velocidade e composição corporal). Foi abordada uma capacidade física por aula. O quarto ponto se deu através da discussão sobre as profissões dos super-heróis em suas identidades secretas. Esse momento abriu precedente para debater empreendedorismo e profissões que os alunos não conheciam, por exemplo, a engenharia mecânica do Homem de Ferro e a física nuclear do Incrível Hulk. Essa discussão deu norte para o quinto e último ponto, a relação do tema com as diversas áreas do conhecimento. A Educação Artística mostrando o significado de cada cor nos trajes dos super-heróis; Língua Portuguesa, ao trabalhar o gênero literário em história em quadrinhos; Ciência e Tecnologia, na explicação das mutações dos heróis, como a do Capitão América, Incrível Hulk e Homem-Aranha; Programação e Robótica, na construção da armadura do Homem de Ferro; Língua Inglesa, na aprendizagem dos nomes dos personagens; e, por fim, uma reflexão em práticas filosóficas sobre o que seria ser um super-herói na sociedade em que vivemos. A interdisciplinaridade aconteceu não apenas nas aulas, mas também no envolvimento de cada professor titular das áreas do conhecimento citadas. Ao final do projeto, alunos, os diversos agentes escolares envolvidos e até mesmo os familiares mostraram-se satisfeitos, através de

elogios e dando devolutiva na aula remota. Outro ponto a considerar é que o nível de envolvimento na aula por parte dos alunos mais tímidos aumentou consideravelmente. Além disso, de forma geral, as devolutivas de atividades no “Conexão Digital” aumentaram, bem como a presença dos alunos em aulas presenciais e remotas.

MARCAS QUE PERDURAM UMA VIDA; SOBRE A CONVIVÊNCIA ENTRE O PROFESSOR E O ALUNO DIANTE DE UMA COSMOVISÃO AUTORITÁRIA

AUTORES: LUCIELE NASCIMENTO DA SILVA; RYAN DA SILVA

RESUMO:

No lugar do pós-colonialismo, mostraram a fragilidade da “comunicação livre” e a necessidade da desconstrução de uma cosmovisão autoritária. O papel da ética no ensino é central na compreensão desse processo. As teorias pós-críticas ressaltam uma teoria sem apontamentos, é científica na íntegra, porém implica em relações de poder. Este trabalho tem como intuito apresentar observações vivenciadas na residência acadêmica através do convívio entre o professor e o aluno, pilar de investigação que envolve diversas maneiras de analisar e ponderar as imposições e o grau de autoritarismo. Para desenvolver este projeto, a metodologia de pesquisa utilizada é qualitativa, mediante os relatos de alunos afetados e observações contundentes de residentes. Diante da convivência conturbada entre professor e aluno na instituição escolar, faz-se necessário averiguar o que é cabível e analisar diferentes vertentes a respeito de questões comportamentais. Até onde o autoritarismo pode embotar o aprendizado, a criatividade e transformar o aluno

em um ser alienado e passivo? O tema foi pensado para propor mudanças significativas para o âmbito escolar em relação ao relacionamento entre professor e aluno, trazer engajamentos transformadores para que o aluno se sinta cada vez mais compreendido, aceito e livre para expressar sua criatividade. No pensamento não mercadológico, apresentar propostas e opiniões que podem subverter as diretrizes escolares, pensando cada vez mais nas necessidades de quem quer aprender de maneira mais libertadora. Tanto a orientação quanto as aulas ampliam o nosso olhar para as práticas educativas, permitindo que nos atentemos aos problemas estruturais de uma educação autoritária que invalida toda a narrativa do aluno. Através dessas experiências em sala de aula, observamos uma pedagogia estruturada por um viés capitalista que desloca toda emancipação estudantil por uma instrumentalização de conhecimentos técnicos, em que o seu objetivo é preparar os alunos para operações do mercado de trabalho. Através das vivências nessas instituições, enxergamos a retirada de autonomia do aluno em toda sua jornada, desde a sua entrada demarcada por uma operacionalização exata do tempo, passando pela imposição de conteúdos extracurriculares e privação da liberdade nos períodos de recreação, até a falta de participação na composição de projetos escolares, entre outras diversas violências simbólicas. Diante da atual realidade do sistema educacional brasileiro, pensar em uma educação emancipadora, que valorize a subjetividade e todo processo cultural e existencial do aluno seria considerado uma utopia.



CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DISCENTE NA PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO SUPERIOR

AUTORES: ADAILTON PINTO DE SOUZA;
EDILENE LISBOA MARTINS

RESUMO:

Nas linhas seguintes será apresentado um recorte do projeto de monitoria denominado “A produção de História em Quadrinhos (HQ) para o ensino de Biologia Geral: representatividades afro-latino-amazônidas nas produções didáticas”, aprovado via Edital de Monitoria do primeiro semestre de 2021 do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Castanhal (IFPA), no contexto do ensino remoto. Nesse sentido, objetivou-se perceber o processo de construção da autonomia discente, em uma turma de Engenharia, a partir de suas produções de HQs, construídas por meio de recursos digitais ou não, observando os limites e potencialidades no contexto do ensino remoto. Esta investigação está fundamentada nos pressupostos epistemológicos da pesquisa social – e em educação – e nos pressupostos teóricos da pesquisa qualitativa (FAZENDA, 2008; FLICK, 2013). Assim, este trabalho foi realizado em uma turma do Curso

de Engenharia de Pesca do IFPA-Castanhal, na disciplina de Biologia Geral, no período de junho a agosto de 2021, contemplado pelo Edital de Monitoria 2021.1, tendo como monitor o primeiro autor deste trabalho. E, para alcançar o objetivo proposto, os autores utilizaram como instrumento de coleta de dados um caderno de bordo, em que foram feitas anotações reflexivas e diagnósticas ao longo do processo de acompanhamento das produções discentes. A turma vivenciou dois momentos de produção de HQ – em ambos foi opcional construir via aplicativo, *site* – conforme orientado na oficina de HQ, utilizando o Canva ou manuscrita em caderno para, em seguida, ser transformada em fotografia digital. No momento 1, a turma não demonstrou dificuldades ou tensões na elaboração das HQs. No momento 2, foi possível perceber maiores dificuldades em estabelecer as metas de cada etapa para a construção dos quadrinhos, tendo em vista o uso do estudo de caso no ensino de Biologia. A narrativa apresentada trazia uma problemática socioambiental da qual os alunos precisavam apropriar-se antes de elaborar a HQ. Esse aspecto gerou bastante conflito na turma, que chegou à conclusão de que não seria possível cumprir a tarefa no tempo oferecido. Diante disso, os estudantes estavam dispostos a desistir. Neste contexto, o uso de HQ na construção da autonomia discente foi essencial para materializar as subjetividades do processo de desenvolvimento cognitivo da aprendizagem no Ensino Superior.



ANTI-CÓRPUS: PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO PELA LINGUAGEM DO CORPO

AUTOR: JOÃO VÍTOR SILVA FRUTUOSO

RESUMO:

“Anti-Cópus: processos de escolarização pela linguagem do corpo” é resultado de um movimento reflexivo que se propõe a entender nos espaços educacionais potenciais territórios de experiências interdisciplinares a caminhar por uma pedagogia performativa, integradora das linguagens artísticas e das demais áreas de conhecimento. A pesquisa anseia pela mudança da estrutura educacional fragmentada, em um movimento de afetação e integração das possibilidades por (de | com) uma pedagogia performática e reflexões sobre as disciplinas e sentidos integrais dos corpos discentes e docentes na vida que acontece dentro e fora da escola. Os caminhos de construção dos entendimentos reflexivos das áreas que nos tateiam assumem pós-estruturalmente (e constantemente) lugares não permanentes de intervenção filosófica e humana, colhendo uma Cartografia dos Sentidos em Deleuze e Guattari e propondo uma corrente que não utiliza procedimentos prontos e acabados, mas constrói na jornada das atividades os seus próprios procedimentos. É uma forma não diretiva

de trabalho que possibilita ao docente-artista-pesquisador (e *performer*) instabilidades reflexivas no contexto de suas ações. Trata-se, pois, de um método flexível, aberto, e, por isso, que pode contribuir no pensamento, uma vez que dá possibilidades que envolvem as inconstâncias da integralidade dos seres e espaços, vide a epistemologia que não se materializa como histórica, esmerada na simples reprodução dos fatos, mas sim geográfica, compreendendo que o movimento não é (e não deve ser) estático, tal qual a Terra. A Cartografia dos Sentidos não é apenas um caminho para metodologia de pesquisa. É também a própria dissertação recombinação às potencialidades performáticas e artísticas que ofertam os (próprios) sentidos. Anti-Córpuz traz os sentidos e as experiências de projetos desenvolvidos em Residência Educacional na escola SESI Vila Leopoldina (Encantado – 2018; Mágico de Oz e a Interdisciplinaridade – 2019) e a construção da performance interdisciplinar “Corpus” em razão da aula magna da Faculdade SESI-SP em fevereiro de 2020.



PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE A INTERATIVIDADE NAS AULAS SÍNCRONAS EM SUA APRENDIZAGEM

AUTORAS: CAMILA FERNANDES DE LIMA FERREIRA; GREUZA MARTINS FRANÇA; DIENE EIRA DE MELLO; DIRGE APARECIDA FOLETTO DE MORAES

RESUMO:

O contexto atual, marcado por uma pandemia causada por um vírus altamente contagioso – coronavírus (SARS-Cov2) –, provocou o distanciamento em todas as esferas da sociedade e impactou, sobremaneira, o processo de ensino e de aprendizagem. No que tange ao Ensino Superior, a medida de enfrentamento contou com a adoção de novas práticas que se efetivaram por meio do ensino remoto emergencial, o que permitiu a continuidade junto aos processos educativos. Embora ainda não se possa evidenciar em sua totalidade os efeitos do ensino remoto, passado um ano de pandemia, é possível indicar algumas lições e consequências que já são percebidas nas instituições que aderiram ao formato, como medida em substituição das atividades presenciais. Desse modo, elencamos como objetivo identificar as percepções dos estudantes em relação a interatividade nas aulas síncronas e sua corres-

pondência com a aprendizagem. Para tanto, apresentam-se elementos relativos à interatividade, com base na perspectiva dos alunos, a julgar pela forma como as atividades de estudos foram direcionadas pelos docentes no decorrer das aulas remotas. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, faz parte do grupo de pesquisas DidacTic e contou com a participação de 267 estudantes, de 24 universidades do Brasil – públicas e privadas. Os dados foram coletados por meio de um questionário com questões abertas e fechadas, compartilhado de forma virtual, pelo Google Forms. Os resultados revelam, até o momento, que, apesar de os estudantes entenderem a interatividade como algo fundamental para a compreensão do conteúdo, somente 12,6% a consideram como excelente, e 43,5% sinalizaram como média o quesito interatividade durante as aulas síncronas. Já 43,9% entendem que a interatividade foi regular. Com base nas explicações das respostas, os alunos evidenciaram ausência de interação entre os atores; carência de diálogo nas aulas, no contato visual, entre outros. De posse dos dados analisados foi possível identificar a necessidade dos docentes em ressignificar as práticas no contexto *online*, acenando para a importância de modificar a sala de aula centrada na transmissão e promover uma articulação professor e aluno e de alunos entre si, na cocriação do conhecimento e da formação humana. O ato da docência e do aprender é um ato colaborativo e a aprendizagem se concretiza de forma coletiva e se internaliza na ação individual, em sua apropriação, no processo de apren-

dizagem. Nesse contexto, o uso das tecnologias digitais vem potencializar a interatividade, e não podemos estar alheios ao cenário sociocultural da *cibercultura*. Entendemos que o momento pandêmico provocou fragilidades no trabalho pedagógico, em que a maioria dos docentes não estava preparada para vivenciar práticas *online*. Sendo assim, ponderamos que as potencialidades do digital no processo de ensino e de aprendizagem com interatividade serão acrescidas advindas do investimento competente na formação docente, a fim de que o aluno se sinta próximo, fortalecido intelectualmente.



AS TIC OPORTUNIZANDO A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA E O DESENHO UNIVERSAL DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS

AUTORAS: ANDRÉIA DAS GRAÇAS MOREIRA CLARO; SHERRINE BASTOS COIMBRA SILVESTRE

RESUMO:

Esta pesquisa refere-se ao estudo das TIC aplicadas ao processo de alfabetização científica nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na garantia da aplicação do DUA (desenho universal para a aprendizagem). Por meio de observação, coleta de informações relevantes e revisão bibliográfica, a pesquisa objetiva projetar o cenário atual e avaliar as possibilidades de condutas no processo de construção do conhecimento, privilegiando estes aspectos. A alfabetização científica pressupõe uma leitura de mundo de maneira mais clara e objetiva, buscando as informações mediante pesquisas e validando-as por investigação, experimentação e sistematização. Dessa forma, o conhecimento construído tem bases sólidas para argumentação e desenvolvimento do pensamento crítico do estudante com vistas a proporcionar mudanças benéficas na sociedade e no meio ambiente. Assegurando que todos, independentemente de suas particularidades, possam par-

ticipar efetivamente do processo, considera-se pertinente a aplicação do DUA e a utilização das TIC junto à alfabetização científica. De acordo com Nunes e Madureira (2015, p. 133), a perspectiva do DUA é, também, uma abordagem curricular, pois “[...] procura minimizar as barreiras da aprendizagem e maximizar o sucesso de todos os alunos”. Considerando essa perspectiva, o ensino focado em transmissão de conhecimentos não atinge os objetivos propostos para uma educação integral. É preciso que o estudante seja capaz de fazer conexões entre o conhecimento e o mundo ao seu redor e que possa interpretar fenômenos e propor soluções para problemas da sua realidade. O ensino baseado no questionamento e na investigação proposto na alfabetização científica corrobora com os princípios do DUA que “assumem objetivos e estratégias para uma proposta didática de ensino que visa a satisfazer as necessidades de aprendizagem de um maior número de alunos em sala de aula” (PRAIS, 2016). Quando o estudante recebe o conhecimento por diversas vias (auditiva, visual, cinestésica etc.), por meio de estratégias variadas ele é capaz de percebê-lo e absorvê-lo por diferentes perspectivas. O uso das TIC na vida cotidiana e na sala de aula não é fato recente, porém foi intensificado e ainda mais valorizado em meio à pandemia. Os computadores, *notebooks* e *smartphones* estão presentes em período integral dentro da escola. Também é sabido que as TIC oferecem uma gama gigantesca de possibilidades e oportunidades de aprendizado. Com elas, é possível ampliar as formas de contato com as informações

e a construção do conhecimento. O objetivo do uso das TIC aqui proposto é oferecer aos estudantes diferentes maneiras de acesso à informação como: vídeos, aplicativos, QR *codes*, ferramentas assistivas, *games*, audiolivros etc. A proposta é usar a tecnologia a favor da aprendizagem, fazendo bom uso desses recursos disponíveis. Partindo do princípio de que estratégias pautadas na ludicidade promovem saberes sensíveis, deve ser levado em conta o fato de que as tecnologias contribuem para a “construção de práticas pedagógicas inovadoras e estratégias de ensino que chamem atenção do aluno” (GUIMARÃES; FERREIRA, p. 175). Sendo assim, usar a tecnologia para que o estudante construa o conhecimento é usar recursos oriundos do seu próprio interesse, gerando um aprendizado mais prazeroso e envolvente e, conseqüentemente, mais significativo.

ENSINO FUNDAMENTAL: ATIVIDADES INCLUSIVAS PARA ALUNOS AUTISTAS

AUTORA: CAMILLA OLIVEIRA OSTI

RESUMO:

A pesquisa em andamento tem como foco a experimentação de atividades multidisciplinares para o desenvolvimento e a aprendizagem de alunos com o transtorno do espectro autista (TEA), pois é sabido a tamanha barreira que enfrentam ao chegar na sala de aula. Encontram atividades que não são adequadas às suas necessidades e são obrigados a seguir o padrão tradicional de ensino. Visando a inclusão de forma efetiva nas escolas, o projeto tem como base de aplicação o Ensino Fundamental I, precisamente alunos do segundo ano. *A priori*, esses estudantes estão em fase de alfabetização e reconhecimento do espaço escolar, do que já se infere uma etapa de diversas mudanças sociointeracionistas. Dessa forma, é imprescindível o cenário desafiador perante o papel da escola na inclusão e adaptação do plano educacional. Logo, o projeto foi pensado para atender a esses alunos, promover o aprendizado com atividades que acolham suas particularidades e atendam às necessidades, utilizando sequências didáticas como ferramenta para a aplicação das atividades, das

quais o lúdico é o material principal, fazendo-se uso da musicalização para a realização dos exercícios sugeridos e que poderá ser adaptada de acordo com a necessidade dos alunos. A tarefa processual é benéfica para pessoas diagnosticadas com TEA para que haja a adaptação e o reconhecimento da tarefa, além de promover uma rotina. O projeto se apoia em três eixos primordiais: internalização da atividade (realizada apenas com os alunos com TEA), desenvolvimento de habilidades e competências requeridas na atividade (realização em grupo de alunos) e apresentação do portfólio de atividades (toda a classe). O objetivo principal dessa mobilização é dar autonomia para essas crianças se comunicarem, fazerem leituras de mundo através das palavras e se reconhecerem como membros efetivos de uma classe. Em suma, ao final dessa transformação em sala de aula, os dados colhidos serão um sinal para uma melhor adaptação e criação de um currículo inclusivo no âmbito escolar.



EDUCAÇÃO INCLUSIVA E FORMAÇÃO DOCENTE: O DISTANCIAMENTO DO DISCURSO DE INCLUSÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE

AUTORA: WILDILENE MOREIRA BISPO

RESUMO:

A formação docente tem se apresentado como um tema recorrente dentre as diversas problemáticas do sistema educacional e, por que não dizer, da educação enquanto prática social, haja vista que o período de formação acadêmica distancia-se consideravelmente do cotidiano escolar. Observa-se uma crescente literatura que busca elucidar os pormenores da formação docente, sobretudo em tempos em que novas correntes pedagógicas têm sido levantadas em defesa de uma educação mais justa e de qualidade para todos. Diante disso, legitima-se a importância de analisar os principais aspectos da formação docente na perspectiva da educação inclusiva. Para isso, o presente artigo contou com as contribuições teóricas de Foucault, 1996; Nóvoa, 1991 e 2002; Tardif, 2010; Borges, 2009; Diaz, 2015, além de outros referenciais pertinentes ao tema. No que concerne à educação inclusiva, acredita-se que o desafio de professores, familiares, instituições de ensino e profissionais de saúde se intensifica a cada dia,

sendo necessária uma reflexão mais profunda em torno de novas práticas de ensino, abordagens metodológicas e referenciais teóricos adquiridos no período de formação. Dessa maneira, no presente artigo analisaram-se os principais pressupostos da formação docente por meio de uma revisão de literatura, além de verificar se existe um direcionamento na prática docente que contribua para a efetivação e o êxito da inclusão educacional das pessoas com ou sem necessidades especiais.

DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES: O TORNEIO DE DEBATES COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

AUTORAS: ROSANGELA CRISTINA DIEGOLI; FLÁVIA BERGAMO CALDERARI SANCHEZ; GISELE FERNANDA LIGERRE

RESUMO:

Na Educação, o conceito de competência pode ser compreendido como o agrupamento de recursos, tais como as habilidades e os saberes, usado de maneira eficaz, para atingir um objetivo. As habilidades podem ser entendidas como o saber fazer, pois aperfeiçoam-se e articulam-se de acordo com seu uso, oportunizando, assim, a aquisição de novas competências. Assim, com o olhar voltado para os aspectos curriculares da área de Linguagens e suas tecnologias, o professor por área do conhecimento (PAC), sob mediação da coordenadora pedagógica, iniciou uma análise comparativa dos resultados do simulado Geekie e constatou que há uma demanda por atenção por parte da equipe. Foi realizada a exposição da análise para os professores da área do conhecimento, visando a construção de uma estratégia pedagógica que englobasse o desenvolvimento das habilidades que se mostraram deficientes. O uso da função Teste na plataforma Geekie permite que o estudante realize simulados de provas no modelo ENEM, cujas

questões são pautadas nas habilidades específicas do Ensino Médio. Por meio dos resultados desses testes, o professor é capaz de avaliar quais habilidades estão sendo satisfatoriamente desenvolvidas e quais ainda precisam de mais atenção, para assim organizar seu planejamento em torno delas. Esta pesquisa teve como objetivos: identificar uma habilidade que se mostrou deficiente na primeira aplicação da prova; elaborar uma estratégia pedagógica para melhorar tal habilidade; e comparar o desempenho de dez alunos na segunda aplicação em relação à primeira. A metodologia consistiu em um estudo de caso qualitativo, que utilizou como instrumentos de coleta de dados os relatórios de desempenho dos dois testes aplicados por meio da plataforma Geekie em uma escola de Ensino Médio da rede SESI, sendo o primeiro em abril de 2021 e o segundo em outubro. Foi realizado o levantamento de quais habilidades haviam se mostrado mais deficientes na primeira aplicação e notou-se que uma delas, a de número 24 – “reconhecer no texto estratégias argumentativas empregadas para o convencimento do público [...]” – precisava de maior atenção, devido à sua importância explicitada em mais de uma das unidades significativas apresentadas no Referencial Curricular da rede. Entre as duas aplicações, o grupo de professores da área de Linguagens organizou um torneio de debates, que contou com a proposição de três temas e seus respectivos posicionamentos, contra ou favorável; os alunos se dividiram em equipes, receberam o tema, planejaram as pesquisas e a argumentação. Como participantes, escolheu-se

um grupo de dez alunos do segundo ano do Ensino Médio que haviam participado do debate. Constatou-se que três estudantes não realizaram ou a primeira ou a segunda aplicação do simulado, impossibilitando a análise comparativa de seus resultados. Os outros sete alunos realizaram os dois testes e constatou-se que cinco deles ou acertaram a questão na primeira e na segunda aplicação ou erraram na primeira e acertaram na segunda. Por meio de tais resultados, é possível concluir que o torneio de debates como estratégia pedagógica para o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao reconhecimento de estratégias argumentativas se mostrou eficaz, uma vez que a maior parte dos sujeitos analisados demonstrou evolução nesse sentido.



CONTRIBUIÇÃO PSICANALÍTICA NA EDUCAÇÃO: A TRANSFERÊNCIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

AUTOR: CLAUDINEI CHELLES

RESUMO:

Ainda que a educação não tenha sido o objeto fundamental na obra de Freud (1856-1939), ele a considerou no decorrer de seu extenso trabalho, dentre outros momentos, em *O interesse científico da Psicanálise*, no capítulo “Interesse educacional da psicanálise” [1913] (1996). Portanto, ao refletir sobre a temática analisada, a “transferência”, certifica-se a viabilidade do emprego do subsídio psicanalítico na prática pedagógica. Sendo assim, Abrão (2006) e Bastos (2004) mencionam que existem investigações interessantes sobre influências que consideram as ocorrências oriundas da relação aluno-professor e da sua práxis na formação inicial e continuada do educador. Assim, o professor tem condições favoráveis para ampliar a compreensão na mediação do processo de ensino e aprendizagem, contemplando a possibilidade do inconsciente do aluno e de si. Freud [1912] (1996) cita que a transferência está ligada a protótipos, imagos, sobretudo do pai, porém também da mãe e de irmãos. Ou seja, nas distintas relações no transcorrer da vida – tanto no sentido de repercussões do

ensinado sobre o inconsciente do aprendiz. Contudo é fundamental mencionar que o referencial psicanalítico apresenta outro aspecto: trata-se da possibilidade da percepção do processo de subjetivação e do desejo pertinentes à compreensão das dificuldades do aluno e do próprio professor (MILLOT, 1987; SHIRAHIGE; HIGA, 2004). Conforme Freud [1914] (1996), “transferimos para eles (professores) o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a tratá-los como tratamos nossos pais em casa [...] e lutamos como tínhamos o hábito de lutar com nossos pais em carne e osso”. Conclusão: ao tomar para si o referencial do “conceito transferencial”, o professor expande a compreensão de sua relação com o aluno e as possibilidades de êxito pedagógico, apoiando-se numa proposta transdisciplinar que considera a existência do inconsciente.



TRANSFORMAÇÕES GEOMÉTRICAS POR MEIO DA DOBRADURA

AUTORES: HIULY MACHADO DA COSTA; PAULO ANTÔNIO;
FERNANDA APARECIDA; VALÉRIA NAKAYAMA RUIZ

RESUMO:

Com o decorrer do nosso curso, vimos a importância de repensar a maneira que ensinamos a matemática, e isso ficava mais claro principalmente nas orientações de residência. Mas no penúltimo semestre da unidade curricular de geometria tivemos uma nova estrutura no curso que nos possibilitou pesquisar e elaborar aulas de matemática mais dinâmicas que atraíam e deixem os alunos mais motivados a querer aprender a matemática. A geometria muitas vezes trabalha com algo mais concreto, tornando-se mais palatável ao aluno, mas só isso não é suficiente. Por isso tentamos trabalhar conceitos da geometria de maneira interdisciplinar com as linguagens, mais especificamente com as artes. Como estávamos aprendendo transformações geométricas na unidade curricular, criamos um trabalho para apresentar essas transformações de uma maneira interdisciplinar. E pensamos “por que não trabalhar transformações geométricas por meio das dobraduras?”. Então criamos uma apresentação de *slides* que mostram

imagens de objetos do nosso dia a dia que sofrem transformações geométricas, como a roda, que sofre a transformação de rotação, dessa maneira introduzindo e discutindo exemplos mais palatáveis para entendimento das ideias de rotação, translação e reflexão. Após isso, mostramos para os alunos o passo a passo da dobradura de uma estrela ninja, pois é algo muito visto em desenhos e *animes*, sendo assim mais atrativa. Uma coisa importante a se lembrar é que cada vez que aplicamos uma ação movimentando ou dobrando o papel, trabalhamos com a parte oral e escrita de conceitos da matemática. É muito importante essa parte, pois utilizamos a linguagem materna para desenvolver o conhecimento com nosso aluno. Depois de uma dobradura propomos um desafio de fazerem outra somente tendo a parte escrita de todos os procedimentos. Essa escrita se transformou em uma dobradura alguns minutos depois, quando uma pessoa lia um procedimento e a gente mostrava essa etapa para todos conseguirem fazer. Após tudo isso, analisamos que a atividade foi muito produtiva, da qual os alunos gostaram muito e mandavam fotos que conseguiram fazer ou comemoravam escrevendo no *chat* do Teams. Infelizmente poucas pessoas participaram por causa de conflitos devidos à comunicação, mas ainda assim foi uma atividade muito rica, que até mesmo apresentamos para as demais salas de matemática na faculdade por se tratar de uma atividade dinâmica, motivacional e potente quando o assunto é conceitos de transformação geométrica.



O COTIDIANO NO CHÃO DA ESCOLA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE UMA EDUCADORA EM FORMAÇÃO

AUTORAS: MARCELA BIANCA GUEDES LOPES; BIANCA RIGAMONTI VALEIRO GARCIA

RESUMO:

Este trabalho reúne experiências e vivências em Educação Básica durante o Programa de Residência Educacional nas escolas, ação promovida pela Faculdade SESI São Paulo de Educação para os seus graduandos desde o início da sua formação. O registro se torna um instrumento para poder racionalizar a experiência e tirar o máximo partido: por meio da narração que se torna algo visível, podemos regressar a ele para revisá-lo e analisá-lo, permite ver a situação com outros olhos, pois é através da escrita que podemos recodificar a experiência narrada e reconstruir o evento ou a sensação narrada, escrever é a melhor forma de perpetuar a formação como docente. O documento está dividido em sete momentos em que descrevemos diferentes experiências e vivências em reflexões sobre as atividades, dinâmicas e relações apresentadas pelas professoras e estudantes acompanhadas por nós, principalmente para refletir sobre o cotidiano e a vida prática nas

escolas, observando como fomentar o desejo de aprender nos estudantes, a alfabetização e o letramento no Fundamental I e a criação do ambiente sociomoral para crianças, bem como a importância dos combinados, rotinas e rituais na escola. Dialogamos com autores como Meirieu, Devries e Retha, Zabalza, Newman e Holzman, e Corsino. Além de algumas interações que tivemos com alguns alunos e as observações destes. Com isso declarado, a Residência Educacional nos promoveu diversas experiências, citadas e não citadas neste relatório, que nos auxiliaram a compreender melhor a profissão, o que teremos de enfrentar no cotidiano escolar e como poderíamos agregar para melhorar o sistema de educação. Os momentos registrados neste relatório têm como função refletir sobre essas vivências, como descreve Luiza Christov em *Espera, experiência e palavra* (2008), “Como algo que se desprende, a experiência perde massa, volume, partes do corpo ao se mostrar em palavras”. Relatar o momento em palavras é congelar o tempo e conseguir retomar o acontecido para visualizarmos nosso progresso futuro. Para Paulo Freire (1997, p. 26), “quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética”. E isso foi o que a vivência de residência educacional concretizou.



**RESUMOS
AMPLIADOS**

QUAL OLHO QUE VÊ?... OU À GUISA DE UMA INVESTIGAÇÃO DO PAPEL DA ORIENTADORA DE RESIDÊNCIA

AUTORA: BIANCA R. V. GARCIA

RESUMO:

O presente texto amplia as discussões apresentadas na mesa “Os desafios da Residência Educacional: olhares entrecruzados das orientadoras, docentes mentoras e estudantes residentes”, em 18 de novembro de 2021. Compreendemos que nossa argumentação, por apontar algumas lacunas e questões que ainda estão em vias de serem tratadas, pode causar certo incômodo. Uma pequena pedra no sapato. Aquela calça apertada demais no quadril. Aquele cheiro um pouco forte demais. Mas como todo incômodo, ela tem o objetivo de evidenciar o que precisamos fazer. Às vezes urge pausar a caminhada para tirar a pedra do sapato. Às vezes já é hora de pensar em coisas maiores. E especialmente em tempos pandêmicos é sempre hora de abrir as janelas para deixar o sol entrar. E nossa proposta tem como objetivo entrelaçar e problematizar olhares de residentes e orientadores sobre a residência educacional e, após esse entrelace, esboçar a interpretação possível sobre o papel da orientadora de residência educacional.

É mister ressaltar que desafio mesmo foi selecionar o que dizer nesse espaço tão privilegiado de enunciação. Foucault nos ensina que o discurso tem uma ordem própria. Que ele não corre por aí, livre e desimpedido. Ele opera por regras rígidas que nos contam muito sobre como os sentidos circulam em nossa sociedade. Essa ordem de discurso tem uma tradução bem prática: não é qualquer pessoa que pode falar qualquer coisa em qualquer lugar. Então, quando interpelada a enunciar os desafios da residência, em um primeiro momento fiquei muito feliz, feliz em poder – em meio a tantas colegas tão competentes – ocupar esse lugar nesse evento que tanto nos é caro e que esperamos ser longo e fértil. Quando pensei no teor de minha fala e atentei à sua natureza, fiz uma profunda análise acadêmica e pensei: “é treta”. Mas aceitei o desafio.

Difícil foi entrar nessa ordem discursiva e escolher qual ponto dela, subverter... ou explicitar...

Compreendo que muito do que fazemos quando orientamos residência é exatamente investigar esses jeitos de ver, de pensar e de construir a escola em toda a sua complexidade. É tentar tornar os nossos vieses, representações e crenças visíveis para nós mesmos. É tornar visível matéria de pensamento, sentimento, experiência de vida. É perguntar constantemente: por que eu vejo o mundo desse jeito? Por que eu entendo a escola desse jeito? Por que essa interação me afeta desse jeito? Que jeito é esse? O que o determina?

Na partilha com nossos orientandos e orientandas, mergulhamos nos discursos e, como alguém que faz o ar visível

ao encapsulá-lo em uma bola de sabão, convidamos os sujeitos a olharem criticamente para si, para seu lugar no mundo e para sua própria constituição, quando partilhamos e problematizamos suas experiências na residência. Mas será que isso é tudo o que uma orientadora de residência faz? Pensei que esse discurso era complexo demais para ser tramado a apenas duas mãos. Olhado a apenas dois olhos. Pensado por apenas cem bilhões de neurônios.

Então decidi – literalmente – pedir ajuda aos universitários e convidá-los a me contarem o que achavam que eu deveria dizer hoje. Eu partilhei o poder e a responsabilidade...



RESIDÊNCIA EDUCACIONAL: COMO QUALIFICAR A FORMAÇÃO DOCENTE

AUTORA: PROFA. DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV

RESUMO:

Na condição de professora e pesquisadora da Unesp – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, há 33 anos, venho atuando junto aos cursos de licenciaturas, venho pesquisando e militando em defesa de melhores condições para a carreira do magistério, bem como para garantir e aperfeiçoar processos de formação docente. Desde 2014, sou professora aposentada, colaborando com o Programa de Mestrado e Doutorado do Instituto de Artes da Unesp.

Coordenei o PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência no Instituto de Artes da Unesp de 2009 a 2013. Anteriormente, porém, coordenei por dez anos um projeto financiado pela própria Unesp, criado ainda na década de 1980, denominado Núcleo de Ensino, que, assim como o PIBID e o atual Residência Educacional, prevê a parceria entre escola básica e universidade para acolher o licenciando, futuro professor. Acolhimento desde o primeiro ano do ensino superior nas escolas de educação básica, acompanhado por um professor super-

visor destas mesmas escolas e por um pesquisador das licenciaturas.

Ao me aposentar junto à Unesp, fui convidada para participar do projeto inovador de licenciaturas interdisciplinares da Faculdade SESI-SP de Educação, que conta com desenvolvimento de residência educacional ao longo dos quatro anos de formação dos futuros professores.

Neste breve texto, destaco algumas questões que acompanham pesquisadores, militantes em educação e educadores nestas duas décadas do século XXI.

COMO MOTIVAR A ESCOLHA DOS JOVENS PELA CARREIRA DE PROFESSOR?

Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, de 2009, demonstra que menos de 5% querem ser professor em uma amostra nacional. E jovens do Ensino Médio situam a carreira entre relevância e desvalorização, entre dom e preparo e entre necessidade e desejo de ser professor. Ou seja, chegam a valorizar em termos ideais a profissão, mas a realidade ofertada pelo mercado de trabalho e a tão alardeada desvalorização da carreira aliada às dificuldades enfrentadas pelos professores cotidianamente afastam os estudantes de Ensino Médio da escolha pela carreira do magistério.

Esta pesquisa é relevante porque chama a atenção de gestores da educação para a urgência de criar programas de incentivo à carreira docente.

Ações no âmbito da cultura, campanhas, ocupação intensa dos meios de comunicação, das redes sociais, enfim, um conjunto de gestões junto ao poder público para valorização do professor foi intensificado desde os anos 1990.

Além de pesquisas, movimentos de educadores exigem políticas de formação inicial que possam garantir boa formação e atratividade da carreira do magistério.

Os movimentos de educadores, organizados em torno da Anfope – Associação Nacional pela Formação do Profissionais da Educação e da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, indicam:

1. Oposição à concepção de currículo mínimo e modelo único de formação;
2. Articulação de todos os componentes curriculares dentro do projeto pedagógico de cada instituição e curso, de forma a superar as práticas curriculares que separam teoria x prática, pensar x fazer, trabalho x estudo, pesquisa x ensino;
3. Contato permanente dos estudantes com a escola e o campo de trabalho desde o início do curso;
4. Educação a distância, sempre que possível, ser complementar e antecedida pela formação inicial presencial.

Respondendo a como incentivar escolhas pela carreira de professor, temos o Decreto 6755 de janeiro de 2009, que postula uma Política Nacional de Formação de Profis-

sionais do Magistério da Educação Básica, com as seguintes ações:

- Programas de iniciação à docência (CAPES);
- Fóruns estaduais de cooperação.

Merece destaque, ainda, a luta para aprovação do Plano Nacional de Educação – 2011 a 2020, praticamente esquecido pelas autoridades federais a partir de 2019.

No que se refere aos programas de incentivo e iniciação à docência temos o PIBID, o Prodocência e o Residência Educacional.

COMO VIABILIZAR FORMAÇÃO INICIAL PARA GARANTIR APROXIMAÇÃO AOS PROBLEMAS E DIFICULDADES REAIS DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL?

O PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e a Residência Educacional são políticas financiadas pelos governos federal e estaduais. A Faculdade SESI inova e assume um programa próprio e específico de residência educacional.

O valor desses programas reside em articular professores das licenciaturas com professores da Educação Básica em regime de parceria que prevê acompanhamento para reflexão sobre a prática e permanência colaborativa dos licenciandos

nos territórios em que atuarão profissionalmente, entrando em contato com as questões de gestão, com os problemas dos alunos e alunas, com trabalho dos professores ao criarem suas aulas e superarem dificuldades da profissão cotidianamente. Assim como os médicos se formam atuando em hospitais-escola, os professores também precisam estar em escolas básicas durante sua formação inicial.

Outra pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas, em 2014, avalia o PIBID e conclui que o programa ajuda a aproximar da Escola Básica e licenciaturas e que garante reflexão permanente sobre a prática docente.

As licenciaturas que desenvolvem residências pedagógicas e o PIBID vêm demonstrando que é possível qualificar a formação inicial dos professores com a ressignificação dos antigos estágios supervisionados, que não contavam com a valorização dos educadores que recebiam os estagiários e que previam a sua presença somente nos dois últimos anos das licenciaturas.

Diante da importância da presença em escolas básicas, diante do que vêm construindo as licenciaturas presenciais no Brasil, podemos nos perguntar sobre a formação em EaD para o magistério. Como qualificar tais licenciaturas? Muitas pesquisas são necessárias a respeito dessa questão.

Encerramos nosso breve registro, reafirmando a necessidade de uma formação comprometida com a ideia de experiência, entendida como síntese integradora de pensamento, reflexão e ação autônoma e para a construção artesanal, cria-

tiva e ética de um profissionalismo fundamental para o mundo contemporâneo, no qual mais importante que transmitir informação é provocar os alunos a selecionarem informação, analisarem informação, criarem informação.

BIBLIOGRAFIA

GATTI, B.; NUNES, M. M. R. (org.). *A formação de professores para o ensino fundamental: estudo de currículos das licenciaturas em pedagogia, língua portuguesa, matemática e ciências biológicas*. São Paulo: FCC/DPE, 2009.

GATTI, B.; ANDRE, M.; GIMENES, N.; FERRAGUT, L. *Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)*. Coleção Textos FCC. São Paulo: FCC/SEP, 2014.



PAPEL DA RESIDÊNCIA EDUCACIONAL E OS DESAFIOS NA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

AUTORES: ANDRÉ YUITI OSAWA; JORGE TITON

RESUMO:

Nesta primeira edição do Congresso de Educação da Faculdade SESI, foram promovidas reflexões concernentes à formação de professores, currículo e práticas pedagógicas, no I Simpósio de Residência Educacional: experiências e propostas na Educação Básica. A partir dos diálogos entre acadêmicos, docentes e gestores educacionais, a Faculdade, que enfatiza a prática pedagógica e residência, em espaços formais e não formais de formação docente, pôde refletir, debater e divulgar suas experiências e contribuições para aprimorar a atuação do estudante da graduação no processo de construção de conhecimento e na prática da profissão.

A fim de propiciar a reflexão sobre o papel da residência na formação docente, oportunizada em escolas SESI-SP, também no Centro Cultural FIESP, bibliotecas, dentre outros espaços que contribuam para o desenvolvimento educacional e cultural, tendo em vista as exigências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e das Diretrizes Curriculares Na-

cionais do Ensino Médio (DCNEM), o Simpósio favoreceu a difusão de conhecimentos produzidos entre Faculdade, escolas SESI-SP e centros culturais, cujas experiências puderam ser compartilhadas e avaliadas entre diferentes segmentos da educação, tendo em vista os desafios na formação inicial dos professores da Educação Básica.

OBJETIVOS

Para a formação docente, a experiência da residência deve consolidar a relação entre teoria e prática, outrossim, oportunizar ao graduando o diálogo existente entre o campo de estudo – a universidade – e a atuação profissional.

Objetivando a reflexão acerca da residência pedagógica, os debates realizados viabilizaram a troca de experiências formais e não formais de educação, explicitando o trabalho em sala de aula e em espaços multidisciplinares.

Notadamente, os espaços não formais de aprendizagem revelam inúmeras potencialidades didático-pedagógicas no âmbito da Educação Básica. Constituindo-se como locais privilegiados de educação – que transformam a interação e a comunicação com os estudantes –, permitem ao residente relacionar o campo de estudo à sua atuação, principalmente procedimental e metodológica, integrando conceitos e atitudes. Ou seja, possibilitam o desenvolvimento de experiências pessoais, acadêmicas e profissionais.

A institucionalização dessas práticas pelo SESI, seja com programas como o de Difusão Literária 2, ou demais projetos culturais realizados no Centro Cultural FIESP, assim como nos desdobramentos de pesquisas científicas 3, favorece momentos de entrecruzamento de saberes, que são parte do campo de atuação do professor e, conseqüentemente, enfoque da residência educacional.

Nos espaços formais de educação, o Simpósio trouxe reflexões que permitem avaliar o desenvolvimento de ações, projetos e recepção acerca da formação inicial dos professores da Educação Básica, realizada na Faculdade SESI-SP de Educação. Contribuindo de forma inovadora, a residência pedagógica conduz ativamente a prática do estudante, fortalecendo suas relações com a teoria, acolhendo o graduando nas escolas SESI e permitindo sua atuação com professores e estudantes. Ou seja, a residência educacional amplia e consolida a relação entre faculdade e escola e, nesse sentido, estimula e assegura a constituição de identidades docentes. Ao mesmo tempo, favorece o engajamento no próprio processo de aprendizado da docência, integrando o discente da graduação, professor da escola, estudantes e orientador.

METODOLOGIA

Como contribuição às reflexões realizadas no Simpósio, de forma a compartilhar as iniciativas de aprimoramento na

formação dos professores e estabelecendo relações entre faculdade e escola SESI Leopoldina, foram apresentados relatos de experiência acerca dos trabalhos desenvolvidos com os residentes educacionais.

Para tanto, partindo de experiências pessoais em escolas públicas e privadas, ao longo de quase 30 anos de atuação no magistério como professor de Filosofia e História, compreendendo o papel transformador da educação como construção contínua de seres humanos, concluiu-se que a residência representa muito mais que o cumprimento de exigências acadêmicas. É uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal, de observação, ação e reflexão sobre a prática pedagógica e a construção do conhecimento.

Evidentemente, não existem “fórmulas” para a prática pedagógica, e a compreensão do caráter processual do desenvolvimento humano, em toda sua complexidade, integrando as dimensões intelectual (cognitiva), física e afetiva, deve permitir aos residentes reconhecerem a importância de suas atribuições.

Durante os anos de experiência em outras redes, é possível reconhecer que, mesmo sendo parte da legislação brasileira, em muitos casos, o denominado “estágio supervisionado” se dá de forma inadequada, diante de resistências de gestores e docentes, fazendo de um momento de profunda relevância da formação do profissional um “espaço” burocrático, de cumprimento de “horas” de observação ou regência, sem envolvimento com a escola, comunidade, enfim, com a cultura escolar.

Nesse sentido, a residência educacional do SESI possui um caráter inovador ao promover a atuação do residente reflexivo, que está inserido no espaço de aprendizagem de maneira integrada à sala de aula, escola e comunidade. Outro fator fundamental é a responsabilidade ética atribuída ao orientador da residência. Nela, é possível mediar a instrumentalização teórica aos lugares do aprender, possibilitando a autonomia, o reconhecimento da importância da pesquisa e construção do conhecimento escolar, da atribuição das metodologias, entre outros aspectos.

Essa perspectiva pôde ser evidenciada nas contribuições dos estudantes da segunda série do Ensino Médio, da escola SESI Leopoldina, Arthur Lambert dos Santos e Júlia Guimarães de Oliveira. Em seus relatos, pautados nas vivências escolares com os residentes, destacaram a pertinência da relação entre professor/residente no planejamento de aulas, o convívio estabelecido com a turma, o enfoque nas orientações com procedimentos distintos do docente titular no processo de aprendizagem e o papel de orientador e facilitador nas aulas assíncronas ou híbridas, no contexto da pandemia de COVID-19.

Diante dessas ponderações, o programa de residência educacional caracteriza-se também como objeto de estudo e reflexão ao professor em formação, compreendendo a realidade escolar, a necessidade dos estudantes do século XXI e da comunidade, investigando em suas ações pedagógicas meios para intervir positivamente, tendo em vista uma educação de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A residência educacional deve ser um processo que transpõe os limites da sala de aula durante a graduação, ou dos “estágios de observação”. Não pode ser pensada como um momento apenas de apreensão dos arcabouços teóricos, mas de um conjunto de experiências e práticas vivenciadas durante a sua prática docente em espaços formais ou não formais de aprendizagem. Também deve compreender que a profissão docente é feita de desafios diários e trocas singulares ocorridas no cotidiano, ou seja, as práticas são sempre ressignificadas diante de diferentes contextos, potencialidades e dificuldades de seus estudantes ao longo da vida profissional.

BIBLIOGRAFIA

BITTENCOURT, C. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BITTENCOURT, C. (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

CIAMPI, H.; CABRINI, C.; VIEIRA, M. P. A. *Ensino de história: revisão urgente*. São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP, 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997.

FONSECA, S. G. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. São Paulo: Papirus, 2003

GAUTHIER, C. et al. *Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente*. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

GUIMARÃES, S. *Caminhos da história ensinada*. Campinas: Papirus, 2013.

LIBANÊO, J. C. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortes, 1998

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. *Educação e Sociedade – Dossiê: Os saberes dos docentes e sua formação*. Campinas, SP: Cedes, n. 74, ano XXII, p. 27-42, 2001.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 17. ed. Petrópolis-RJ: 2014.

TARDIF, M; LESSARD, C. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.



FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES/AS: O PAPEL DA ESCOLA BÁSICA

AUTORA: PROFA. MARESSA DUTRA

RESUMO:

O professor em formação deve ter o olhar atento à importância da escola básica em todos os aspectos, níveis e modalidades de ensino, para que no futuro ele consiga dar sentido às teorias e metodologias didáticas que lhe são apresentadas durante sua formação docente.

Hoje, é muito importante que um professor em formação tenha em sua trajetória a vivência e a experiência de viver as realidades do ensino infantil, é nesse cenário que o ser humano se vê em constante construção de indivíduo, no que se refere a relações humanas como solidariedade, ética, responsabilidade e seus primeiros momentos de conflitos entre pares.

A educação infantil tem um papel essencial na escola básica, onde a criança passa a construir sua identidade como sujeito e desenvolve aspectos socioemocionais. É dentro do ensino infantil que a criança participa da sua primeira comunidade como sujeito, logo, passa a se reconhecer como indivíduo e aprende como funciona a ordem da natureza em sua volta.

Piaget escreveu que “a inteligência humana somente se desenvolve no indivíduo em função de interações sociais que são, em geral, demasiadamente negligenciadas”. Tal afirmação nos faz refletir como a educação infantil hoje não é valorizada como parte do processo em muitos cursos de licenciatura, já que o foco inicial é nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, fazendo com que os professores em formação percam a referência do ponto inicial da escola básica.

Deparamo-nos atualmente com a implantação do novo Ensino Médio dentro das comunidades escolares, e as primeiras sensações desse novo projeto são que ele veio para integrar conteúdo programático com as relações afetivas e as habilidades socioemocionais – quem eu quero ser? Quais são meus objetivos? Qual caminho trilhar? O que o mundo tem a me oferecer? Vestibular? Empreender?

É dentro dessa realidade que a escola tem o papel de auxiliar o estudante a traduzir e compreender seus sentimentos, aptidões e gostos. O professor, junto ao estudante, vai significar esses pilares para que ao fim de sua trilha dentro da comunidade escolar possa ter em si a segurança e a autonomia de escolha que irão estabelecer o caminho a ser seguido. O docente em questão só irá alcançar tais ganhos quando ele refletir sua prática e o papel da escola básica como um todo.

Importante ressaltar que a comunidade escolar não atua sozinha na construção de sujeito, a família deve estar presente em todas as fases e caminhos que esse discente trilhar até o fim da escola básica, ela faz parte da cultura desse sujeito,

apresentou-lhe as primeiras sensações no mundo externo, como música, arte, brincadeiras, entre outras sensações que em conjunto formam o estudante que chega à escola pronto para novas vivências e trocas de experiências.

O docente deve então refletir durante todo seu percurso a importância da escola básica em todos os aspectos, níveis e modalidades, para que ele possa na sua área de atuação dar continuidade às habilidades do sujeito e continuar sendo o aliado do estudante em sua trajetória de conhecimento e encontro do seu eu.

BIBLIOGRAFIA

PIAGET, J. *Biologie et connaissance*. Paris: Gallimard, 1967.



ELOS ENTRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E CULTURAL: EM QUESTÃO, OS CURSOS DA FASESP

AUTORA: JOSILMA GONÇALVES AMATO

RESUMO:

O presente estudo tem por objetivo analisar as contribuições da formação cultural à formação acadêmica, no âmbito da residência dos alunos da Faculdade SESI-SP de Educação – FASESP, considerando o desenvolvimento das horas de residência nas dependências do Centro Cultural FIESP, na linguagem Literatura (Difusão Literária), da área de Cultura, do SESI-SP.

INTRODUÇÃO

A formação de professores se baseia em um processo complexo, e os modelos de educação vigentes ainda têm foco no ensino, em como o professor deve desenvolver seus conteúdos e não na aprendizagem efetiva do aluno/profissional.

A Faculdade SESI-SP de Educação teve desde o seu princípio a intenção de revolucionar a formação de professores, a partir de uma proposta inovadora, que vise a interdisciplina-

ridade dos conteúdos ministrados nos cursos divididos por área de conhecimento, com um olhar menos fragmentado da realidade, o que visa a um conhecimento mais contextualizado, pensando num profissional que terá uma formação voltada para o futuro.

Essa questão se reflete na opção pela Residência Educacional, que ocorre desde o primeiro dia de aula, fazendo com que o aluno tenha a experiência da docência, com todos os seus desafios, durante toda a sua formação.

E a Residência Educacional não fica restrita às experiências de sala de aula, os alunos da FASESP têm a possibilidade de experimentação de outras vivências, sempre sob a supervisão de professor da instituição.

Segundo Petraglia (1993), professor que forma o educador desempenha um papel fundamental de animador desse processo, estimulando os alunos quanto ao desenvolvimento do senso crítico, da criatividade, da compreensão da importância da pesquisa e investigação e também da capacidade de estabelecer relações entre professores e alunos.

E é nesse contexto que se percebe o comprometimento da FASESP, quando amplia a Residência Educacional para outros campos da formação, como, por exemplo, a formação cultural.

Desde o primeiro semestre de 2021, a área de Cultura do SESI-SP voltou a receber residentes da FASESP, atuando junto ao setor de Difusão Literária.

Sabe-se da importância da formação cultural do professor, pouco se tem pensado, no entanto, sobre uma

formação de professores que lhes garanta acesso ao patrimônio cultural produzido histórico-culturalmente, o que reverbera em sua prática pedagógica. A FASESP pensa, pois, em reverter esse quadro. Mas, ao falar sobre formação cultural, estamos nos referindo a que, especificamente? Silva (2011, p. 152) nos auxilia a esboçar esse conceito quando pondera que:

Um projeto educacional e formativo deve [...] assentar-se numa concepção de educação orientada para a formação cultural, de modo a garantir aos alunos, inclusive aos futuros professores, acesso ao saber acumulado e produzido pela humanidade, a cultura geral, que, por sua vez, envolve todos os conhecimentos elaborados e sistematizados pelos homens no seu trajeto histórico de se constituir razão. Envolve, portanto, não só a filosofia, as artes, a música e a literatura, mas também, o desenvolvimento técnico e científico, que são instrumentos criados pelo homem para sua melhor adaptação ao meio e domínio da natureza e são, ao mesmo tempo, ferramentas que lhe permitem compreender, interpretar e transformar essa mesma realidade em algo mais humano, fraterno e justo.

Diante de todo o exposto, com essa fala, deseja-se apresentar a importância da formação cultural para a formação acadêmica do profissional professor.

OBJETIVOS

Esta fala busca analisar a importância da formação cultural na formação acadêmica dos alunos da FASESP, no que se refere ao âmbito da Residência Educacional realizada no Centro Cultural FIESP, na área de Cultura do SESI-SP.

METODOLOGIA

Partindo do princípio de que conhecer é transformar, este trabalho utiliza o método prático como o principal caminho para a produção de conhecimento. Dessa forma, visa apresentar que, para que seja possível a apropriação de um determinado conhecimento, ciência, informação, é preciso que haja a experimentação prática do que se propõe.

Como os anos de 2020/2021 foram atípicos, impedindo qualquer tipo de interação presencial, a Residência Educacional realizada no Centro Cultural FIESP, área de Cultura do SESI-SP, teve início de forma remota, e duas alunas do curso de Linguagens passaram a desenvolver as horas destinadas à Residência Educacional (oito horas semanais) a distância, sob a coordenação/supervisão da analista de Literatura da área de Cultura.

A intenção da Residência Educacional na área de Difusão Literária foi a de ter novos olhares e aptidões para os projetos e programas desenvolvidos pelo SESI-SP, na área

de Difusão Literária, auxiliando a analista, bem como buscar apresentar novas possibilidades de atuação em sala de aula para as alunas, visando incorporar conceitos e práticas desenvolvidas na área de Cultura, que têm conexão, dialogam e, em muitos momentos, complementam os conteúdos ministrados em sala de aula, nas disciplinas que abordam a literatura.

De maneira remota, foram apresentados às residentes os conceitos de: bate-papo literário com escritores, clube literário, contação de histórias, calendário literário, *podcasts* literários, assim como outros instrumentos de difusão da Literatura que podem ser adaptados/transformados e aplicados em sala de aula.

Conheceram, também, a Caixa de Cultura, programa que acaba de completar 73 anos e que tem por objetivo dar acesso à literatura, incentivando, pois, a leitura por profissionais das indústrias beneficiárias do SESI-SP. Programa que, em recente pesquisa, percebeu-se ser o mais longevo em atividade ininterrupta do país com essa finalidade.

Tiveram, também, contato com a biblioterapia, prática pouco difundida, mas que tem demonstrado aspirações de converter-se numa técnica promissora no que diz respeito ao cuidado com o ser humano por meio das histórias literárias. Resgatando Paulo Freire e o seu conceito de educação humanizadora, a biblioterapia apresenta o papel humanizador da literatura, o que poderia contribuir para uma série de atividades nas escolas, visando uma leitura terapêutica.

A cada ferramenta exibida às residentes, uma atividade prática era proposta, pensando, sempre, na possibilidade de aplicação do conteúdo em sala de aula, mas, também, na formação cultural das alunas/residentes.

Essa fala visa construir bases teóricas para o entendimento da articulação da formação acadêmica dos professores no que tange à formação cultural.

FUNDAMENTAÇÃO

Por que é tão importante proporcionar aos professores um trabalho de ampliação cultural?

Gatti (2013) apresenta uma justificativa quando afirma que a escola justa – que faz justiça social – é aquela que, sem degenerar, inclui, não exclui e qualifica as novas gerações. É aquela que lida com as heterogeneidades, as respeita e leva a aprendizagens eficazes. Ou seja, aquela escola em que os alunos aprendem de forma significativa e se educam para a vida como cidadãos (GATTI, 2013, p. 53).

Com um referencial cultural ampliado, aliado aos conhecimentos referentes ao processo pedagógico, professores, seja em quais áreas atuem, podem ter melhores condições de propor atividades que aproximem os alunos da cultura acumulada historicamente, levando em consideração as especificidades de seu desenvolvimento em cada etapa da escolarização.

Barbosa e Horn (2008, p. 41) sinalizam que “[...] o professor deve ter um repertório suficientemente amplo para que, à medida que surge uma situação, ele possa compreendê-la e organizar-se para encaminhar seus estudos pessoais, assim como o trabalho com os alunos, criando perguntas e desafios.”

Sob esse aspecto, Carvalho (2001, p. 75) descreve uma experiência com licenciandos em espaços de educação não formal e tece reflexões sobre a formação de professores em uma perspectiva de cidadania cultural.

[...] da impossibilidade de recusar a crescente importância do componente cultural no mundo contemporâneo, reafirma-se que a inserção de alunos em projetos de cunho cultural possibilita ampliar os horizontes de sua formação, ressalta-se a necessidade de uma orientação cultural nos currículos de formação dos docentes bem como a urgência do delineamento de políticas públicas de formação.

Constitui-se imprescindível destacar que, em sala de aula, só haverá as condições de despertar um olhar sensível nos alunos para uma obra de cunho estético/cultural, ou estimulá-los à fruição, buscando a construção e o desenvolvimento da subjetividade e da identidade, se essas condições foram desenvolvidas no docente.

Encerrando a fundamentação desta fala, destaca-se o que as autoras de um estudo sobre a visitação a museus e centros

culturais nos apresentam, “O direito à formação cultural é um direito de cidadania” (CARVALHO; PORTO, 2013, p. 134).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos argumentos aqui apresentados, percebe-se que a formação cultural pode cooperar para tornar o professor um sujeito mais aberto e sensível à escuta do outro, fazendo com que a sala de aula se transforme num espaço mais acolhedor e plural.

Leite e Ostetto (2005) ressaltam, ainda, que a ampliação do repertório cultural das crianças é essencial e tarefa da escola.

A formação cultural docente, pois, é de fundamental importância, já que permeia todas as dimensões humanas, vê-se, portanto, que ela pode constituir um fio articulador que possibilita a formação de melhores professores e melhores pessoas, que realizaram um trabalho mediado pela consciência e pela intencionalidade.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. *Projetos pedagógicos na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CARVALHO, C.; PORTO, C. Crianças e adultos em museus e centros culturais. In: KRAMER, S.; NUNES, M. F.; CARVALHO, C. (org.). *Educação Infantil: formação e responsabilidade*. Campinas-SP: Papirus, 2013.

CARVALHO, M. C. *Cidadania cultural e a formação de professores*. Educação e Realidade. Porto Alegre, UFRGS, v. 26, n. 2, p. 75-87, jul./dez. 2001.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. (coord.). *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: Unesco, 2009.

LEITE, M. I.; OSTETTO, L. E. (org.). *Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte*. Campinas: Papirus, 2005.

PETRAGLIA, I. C. *Interdisciplinaridade: o cultivo do professor*. São Paulo: Pioneira Univ. São Francisco, 1993.

SILVA, S. M. C.; ALMEIDA, C. M. C.; FERREIRA, S. Apropriação cultural e mediação pedagógica: contribuições de Vigotski na discussão do tema. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 2, p. 219-228, abr./jun. 2011.



A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E O PAPEL DA ESCOLA BÁSICA

AUTOR: PROF. DR. JOÃO ALEGRIA

RESUMO:

O tema proposto para esta seção nos leva a refletir sobre a importância das experiências práticas vivenciadas no ambiente escolar por estudantes do Ensino Superior, durante seu processo de formação inicial para a docência.

Como professor, com diferentes inserções educacionais durante a juventude e a vida adulta, não me é possível uma aproximação desse tema sem me recordar que eu mesmo descobri meu interesse pela educação ao me engajar como monitor de um centro comunitário de minha cidade natal, ainda durante o Ensino Médio. Ali, sendo integrado às atividades de educação infantil e familiar, desenvolvidas pela equipe de professores e assistentes sociais, fui me descobrindo como educador. O que quero ressaltar ao rememorar essa experiência pessoal é que, no meu caso, as vivências práticas antecederam minha formação em licenciatura e contribuíram para sedimentar minhas escolhas no campo educacional.

Ao me colocar frente ao tema proposto mais uma vez, percebo que um outro aspecto importante é o que se refere

ao modo de perceber qual educação deve ser buscada pelo profissional docente. Só posso admitir uma busca permanente pela educação integral dos estudantes. E isso significa dizer uma educação nas múltiplas dimensões que conformam o desenvolvimento integral, tais como as dimensões física, emocional, cognitiva, social, dentre outras. A escola não é apenas um espaço de difusão de conhecimentos. Grande parte do que é construído no coletivo da comunidade escolar refere-se às dimensões que têm diretamente a ver com a experiência concreta da própria escola, tendo o professor o desafio de incrementar competências e habilidades docentes que emanam da própria prática. Quanto antes isso for oportunizado ao docente, preferencialmente durante sua formação inicial, melhores chances ele terá em sua vida profissional.

Posso ainda pensar a questão a partir das recentes Diretrizes Nacionais da Formação Docente, inicial e continuada, nas quais os conjuntos de competências e habilidades almejados podem ser organizados em três eixos: conhecimento, práticas e engajamento. Ou seja, primeiro o conhecimento necessário para que o docente atue, que são conhecimentos especializados nos campos da pedagogia, didática, áreas do conhecimento etc. Depois sua preparação em relação às práticas de ensino-aprendizagem, apropriando-se de diferentes recursos, estratégias, ferramentas, linguagens... necessárias ao *design* da experiência de aprendizagem e seu manejo em atividades síncronas ou assíncronas da educação. Por fim, as questões que se referem ao engajamento profissional e

cidadão do professor, bem como a intencionalidade da atuação como educador, sua inserção numa comunidade escolar, como agente educacional, cultural, social, dentre outras. Como se pode observar pelo que foi exposto, dificilmente tais eixos da formação docente poderiam ser completados sem a possibilidade de vivências práticas durante a formação inicial. Vários dos aspectos indicados, além de outros aos quais não me referi, certamente pressupõem que estar “na” escola, “com” outros professores, “com” os estudantes, desde o primeiro momento, é fundamental.

Há ainda mais aspectos envolvidos no processo educacional, para os quais as vivências práticas durante a formação inicial são relevantes. A ludicidade, a sociabilidade, a fluência técnica e expressiva em múltiplas linguagens, o autodesenvolvimento e construção de autonomia, a participação social, dentre outros, ilustram esse ponto. O uso e domínio do corpo, suas relações com o espaço e o movimento, os jogos e as brincadeiras, importantes para a criação de experiências de aprendizagem, e que envolvem a ludicidade na educação, impõem vivências práticas. As questões do “eu”, do “outro” e do “mundo ao redor” e os impactos da vida em rede são parte do que representa a sociabilidade, outra das dimensões da aprendizagem que necessita de experiências práticas, tão importantes para, por exemplo, a personalização da educação.

Nesta breve reflexão sobre a importância de o professor poder experimentar vivências práticas do ambiente escolar desde o começo de sua formação inicial, tive a intenção de

iluminar alguns dos caminhos pelos quais é possível fazer uma reflexão, confirmando que o professor que se formou em contato com a escola terá mais possibilidade de um ingresso profissional bem-sucedido e melhores contribuições para o processo de ensino-aprendizagem.



A RESIDÊNCIA EDUCACIONAL NA FACULDADE SESI-SP DE EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA POTENTE NA FORMAÇÃO INICIAL DE DOCENTES

PROF. DR. HUGO CESAR BUENO NUNES

INTRODUÇÃO

A Faculdade SESI-SP de Educação foi idealizada a partir do ano de 2010 para ser um espaço de formação de professores por área de conhecimento. Nesse contexto, teve como grande desafio na sua concepção ter uma proposta pedagógica diferenciada e que estivesse intimamente articulada com a Educação Básica.

À época, duas demandas foram eleitas como centrais na constituição do projeto de ensino da faculdade: indissociabilidade entre teoria e prática docente e formação inicial que permitisse a abordagem curricular de forma global, de modo a superar a excessiva fragmentação dos conteúdos escolares (DALBEN *et al.*, 2018, p. 64).

Dentro desse escopo de formação docente nos cursos de licenciatura por área do conhecimento, a Residência Educacional foi pensada e desenvolvida junto aos estudantes com o objetivo de aprofundar a formação pedagógica e a prática

profissional docente, constituindo um lócus privilegiado e especializado, voltado para a formação de profissionais para atuação nas áreas da educação escolar, contribuindo para uma formação crítica e atenta às demandas da contemporaneidade.

Cabe ressaltar, que a residência educacional na Faculdade SESI, além das escolas de Educação Básica, acontece também em instituições educacionais não formais, como por exemplo, bibliotecas, FAB LAB 1, espaços *maker*, espaços culturais, teatros, museus, entre outros.

Entende-se que as ações dos residentes nestes espaços corroboram para uma melhor problematização dos conhecimentos em diferentes perspectivas e oferecem oportunidades de ampliação do olhar para questões que envolvem uma educação democrática e diversa, fomentando e produzindo conhecimentos importantes para a prática pedagógica.

A RESIDÊNCIA EDUCACIONAL E SEU IMPACTO NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

A Residência Educacional é parte constituinte do currículo de todos os cursos de licenciatura das quatro grandes áreas (Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Linguagens e Matemática). Seu objetivo está centrado no desenvolvimento de ação-reflexão-ação das questões emergentes do espaço escolar, favorecendo a efetiva construção das relações entre teorias e práticas pedagógicas.

Atualmente, a Residência Educacional é desenvolvida com uma carga horária de 1.280 horas ao longo dos oito semestres dos cursos, ou seja, desde o primeiro semestre até o último, o estudante está imerso no contexto e problemas que orientam a atuação docente em uma escola.

Diante disso, a residência educacional na Faculdade SESI-SP de Educação é concebida como prática formativa obrigatória para todos os estudantes, com carga horária de oito horas semanais de atuação em escolas de Educação Básica e/ou espaços não formais de educação e, ainda, duas horas semanais de orientação de residência, perfazendo um total de dez horas semanais de atividades relacionadas ao programa de residência educacional. Cabe reafirmar que, na busca de valorização e atração de jovens para a carreira docente, todos os cursos de licenciatura por área do conhecimento da Faculdade SESI-SP de Educação são gratuitos.

Como mencionado, o programa de residência educacional é composto de dois momentos distintos: a orientação de residência e as atividades realizadas nos locais de residência. A orientação é feita por um docente da faculdade, com experiência na Educação Básica, e realizada na faculdade, em reuniões semanais de duas horas, em grupos de, no máximo, 15 estudantes. O professor-orientador fomenta discussões e proporciona a escuta e a socialização das experiências vivenciadas pelos estudantes nos espaços em que realizam a residência, pautando suas intervenções seja por meio da sua própria experiência na escola e/ou com aporte teórico que orienta as discussões.

Já as atividades nos locais de residência compreendem a presença física dos estudantes em uma escola conveniada da Educação Básica ou espaço de educação não formal, como os museus, instituições culturais, entre outros (DALBEN *et al.*, 2018).

A partir das discussões com seu orientador e da vivência do “chão” das escolas, os estudantes produzem relatos sobre tais experiências vividas, os quais são pautados a partir de aportes teóricos fornecidos pelo seu orientador, e então é confeccionado seu relatório final, o qual é entregue ao término de cada semestre letivo, registrando assim seu caminho e suas reflexões acerca das experiências vividas no processo da residência educacional.

Um ponto que merece ser mencionado é que, embora os estudantes de licenciatura ao se formarem estejam habilitados para atuar no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, a faculdade entende ser de fundamental importância a experiência destes estudantes realizarem a residência educacional também no Fundamental I. O objetivo é que aproveitem essa experiência para ampliar sua compreensão acerca do desenvolvimento dos sujeitos, observando os processos de aquisição do conhecimento e elementos estudados nas unidades curriculares acerca da formação das inteligências e dos processos de aprendizagem, além de as práticas de ensino desenvolvidas pelos docentes do Fundamental I contribuírem para a compreensão do ensino por área de conhecimento.

Dessa forma, é objetivo central da Faculdade SESI-SP de Educação que os residentes aprendam nessas experiências a

formação de uma ética da diferença e valores que em situações cotidianas da rotina escolar potencializam o refinamento do olhar frente a escola e seu funcionamento (FASESP, 2019).

VOZES QUE PERFAZEM A RESIDÊNCIA EDUCACIONAL

Neste processo, compreendemos que ouvir os atores que fazem e participam dessa experiência é fundamental. Não temos a pretensão de apresentarmos modelos, mas sim vivências concretas de percursos formativos e narrativas que venham a contribuir com a qualificação do programa, potencializando novas formas de pensar que, quiçá, possam contribuir para novas experiências de formação de professores e professoras no Brasil.

A seguir alguns depoimentos de orientadores/as de residência e estudantes que expressam o movimento que temos tentado estabelecer nessa relação e os efeitos sentidos por cada um dos protagonistas desse processo. No que concerne à importância da residência na formação inicial destacamos:

Na licenciatura em pedagogia ocorre uma supervalorização do conhecimento pedagógico, muitas vezes não articulado com os conteúdos específicos, o que resulta em uma formação demasiadamente genérica. Já nas demais licenciaturas ocorre o inverso, se privilegia o conhecimento disciplinar, de caráter transmissivo e quase sem-

pre não vinculado à pedagogia, quando muito adotando uma didática meramente instrumental. A residência escolar parece encontrar o meio-termo, oportunizando aos licenciandos uma práxis educativa que explora tanto conteúdos específicos das suas áreas quanto as ações pedagógicas com suas intencionalidades políticas e formas de organização (Depoimento Prof. B).

Considero a residência algo essencial na formação de professores. Os estudantes têm acesso a conhecimentos produzidos e reproduzidos na escola, compreendem a dinâmica real da sala de aula, conhecem diferentes metodologias de ensino e desenvolvem trabalhos junto ao professor da turma. Trata-se de uma experiência muito enriquecedora, ainda mais considerando que os estudantes não apenas observam as aulas, mas participam ativamente nas discussões, na relação com os alunos da turma e até na elaboração e aplicação de planos de aula (Depoimento Profa. C).

Quando mudamos o foco especificamente para o papel da orientação de residência, os docentes vislumbram um momento rico de trocas de experiências, tanto entre docente e estudante quanto entre os próprios estudantes, os quais vivenciam experiências muito diversas entre si. A orientação de residência é o momento centralizador das experiências vividas na instituição receptora.

Nessa aula, que eu prefiro chamar de “roda de conversa”, os orientandos se sentem à vontade para expor tudo o que estão observando nas escolas e, assim, podem trocar experiências com os colegas. Um ponto alto, na minha opinião, é a turma de orientação ser mista, com alunos do primeiro e segundo ano. Os veteranos contribuem para o acolhimento dos novatos e os auxiliam em dificuldades que possam surgir (Depoimento Profa. A).

As orientações de residência se configuram em espaços de debates e de circulação dessas representações; umas ainda, digamos, cristalizadas e outras, já em processo de deslocamento. Isso, somado à sólida oferta teórica que as unidades curriculares carregam, deságua em uma formação docente em que há o casamento entre o aprofundamento e adensamento teórico e as suas possibilidades na prática pedagógica (Depoimento Prof. D).

Já na perspectiva dos estudantes, temos uma valorização desse espaço de reflexão tanto quanto a valorização de estarem na escola acompanhando docentes mais experientes:

O que mais gosto da residência é a interação com os alunos e os professores atuando, nos desafiam em vários aspectos, não só pedagogicamente como emocionalmente (Depoimento Estudante A).

Com a residência nós temos um convívio direto com o professor que acompanhamos e com os alunos, o que torna nossa experiência mais completa, já que atuamos diretamente na sala de aula como professores em formação, aprendendo a lidar com diversas situações que podem ocorrer quando estivermos dando aula após a formação (Depoimento Estudante B).

Estou aprendendo muito com a professora que acompanho. Ela tem sido inspiradora. Sempre troca ideias sobre a prática docente de forma clara. As aulas que assisto me ensinam muito. Estou muito grata de poder acompanhá-la (Depoimento Estudante C).

Avalio muito positivamente. A troca que tenho com a minha mentora é sempre muito valiosa, consigo ajudar tanto ela quanto os alunos em sala de aula, o clima de acompanhá-la é muito agradável, tornando a residência de fato uma residência, porque acabo por experienciar muitas realidades dentro da escola junto dela (Depoimento Estudante D).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, salientamos a importância do processo de residência educacional desenvolvido na Faculdade SESI-SP

de Educação e ressaltamos três pontos que podem ser estruturantes de novos programas: o posicionamento da faculdade perante os estudantes, o papel da escola de Educação Básica no processo e o papel do orientador de residência.

Compreendemos que esta tríade (faculdade – escola básica – orientador de residência) é muito importante para que a formação de novos docentes se dê de maneira integrada, aprofundada e ampla, visto que o processo é complexo. Nesse sentido, a experiência nos mostra que apostar na formação docente em um programa estruturado, com envolvimento dos pares mais experientes na condução do processo, com engajamento das escolas de Educação Básica, com frequência semanal de encontros entre estudantes e orientadores de residência etc., faz com que o desafio de termos uma educação mais equitativa e uma formação inicial de docentes mais qualificada se torne realidade no contexto da FASESP e, quiçá, possa servir de disparador para que novas experiências se produzam Brasil afora e se espalhem como rizoma.

BIBLIOGRAFIA

DALBEN, A. *et al.* Licenciaturas da Faculdade SESI-SP de Educação: áreas de conhecimento e residência educacional. In: MACHADO, M. F. e.; CUNHA, C. (org.). *Magistério: formação, avaliação e identidade docente*. Brasília: Cátedra

Unesco de Juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2018. p. 63-84.

FASESP – FACULDADE SESI-SP DE EDUCAÇÃO. *Orientações para o desenvolvimento da residência educacional*. Faculdade SESI-SP de Educação. 2019.



A RELAÇÃO ESCOLA E RESIDÊNCIA EDUCACIONAL: PONTES EM CONSTRUÇÃO

PROFA. DRA. CLAUDETE DE SOUSA NOGUEIRA

INTRODUÇÃO

O presente texto visa refletir acerca das experiências vivenciadas no Programa Residência Pedagógica (PRP), desenvolvidas na Universidade Estadual Paulista (Unesp), destacando elementos que caracterizam essas experiências na relação entre universidade e escola de Educação Básica e na contribuição para a formação inicial docente. Os diferentes núcleos existentes buscam integrar os princípios norteadores da política institucional de formação de professores da Unesp e as demandas das escolas de Educação Básica, promovendo a imersão do licenciando nos espaços escolares.

Nessa concepção, a formação docente se embasa na necessidade do licenciando desenvolver um trabalho comprometido com a sala de aula, vivenciando o cotidiano da instituição escolar expresso em todas as dimensões de sua rotina, num contexto social variado que exige posicionamentos, criatividade e iniciativas do professor como profissional atento e comprometido com as demandas contemporâneas,

numa perspectiva democrática, inclusiva e de avanços sociais no combate às desigualdades.

Busca-se com essa proposta superar a falta de articulação, tão denunciada, entre teoria e prática, bem como o distanciamento do Ensino Superior em relação à Educação Básica. Como se estabelece isso na prática? Quais as possibilidades e os desafios que se colocam a partir dessas experiências? Procuramos responder a essas questões trazendo as experiências vivenciadas no subprojeto do Curso de Pedagogia e a parceria com as escolas públicas de Educação Básica, considerando que a relação entre teoria e prática embasa os objetivos do projeto pedagógico dos cursos de licenciatura em Pedagogia da Unesp e as possibilidades e dificuldades na relação universidade-escola básica.

Inicialmente, o aluno licenciando é desafiado a desenvolver uma atitude investigativa sobre o espaço escolar, espaço este entendido como resultado de uma construção social entre sujeitos e o sistema que a estrutura, que se estabelece em uma relação contínua, envolvendo conflitos e negociações, em função de circunstâncias determinadas (DAYRELL, 2001).

Desse modo, no contato inicial com a escola o aluno é incentivado a compreendê-la como espaço sociocultural, que de acordo com Dayrell (2001, p. 137)

[...] significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por

homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sociocultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.

Nesse processo de reflexões, diálogos e descobertas, no encontro entre a universidade e a escola, percebe-se que a teoria apreendida pelos alunos pode ampliar a leitura do espaço escolar, desde os primeiros olhares, a partir da proposta do diagnóstico. Essa etapa de diagnosticar se faz fundamental enquanto possibilidade do licenciando compreender a dinâmica escolar “no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura” (DAYRELL, 2001).

Parte-se de um roteiro elaborado com o docente orientador, em que são incentivados no residente o “olhar” e a “escuta” para a dinâmica diária da escola: onde se situa? Quem são os sujeitos que fazem parte da comunidade escolar, considerando idade, condição sociocultural-econômica, gênero? Como o tempo escolar é gerido e desenvolvido? O tempo institucional está em harmonia com o tempo das crianças? Espaços, materiais, como são organizados? Há acessibilidade para os alunos? Enfim, o residente é convidado a conhecer as especificidades da comunidade escolar para que possa, junto ao orientador e ao professor preceptor

refletir e projetar as demais ações de estudo e de intervenções no ambiente escolar.

A formação dos residentes do Programa Residência Pedagógica no curso de Pedagogia tem como perspectiva a polivalência, o que implica em conhecer as diversas áreas de conhecimento e se colocar diante de vários outros conhecimentos. Assim, as propostas de ações são articuladas com os elementos da formação científica e artística, cujo foco é o envolvimento dos alunos com a cultura das ciências e das artes, o desenvolvimento de habilidades associadas ao fazer científico e artístico, bem como a ampliação da competência leitora e escritora de todos os sujeitos (UNESP, 2020, p. 10).

As atividades de imersão têm como objetivo o desenvolvimento da prática pedagógica, envolvendo o planejamento das ações, seu desenvolvimento (inserindo o registro, a documentação, a escuta) e, por fim, a avaliação permanente dos processos de ensino e de aprendizagem de leitura e escrita em diferentes áreas de conhecimento. Nesse contexto, os preceptores, professores da escola de Educação Básica, responsáveis por planejar, acompanhar e orientar os residentes nas atividades, são fundamentais no processo.

No desenvolvimento das atividades que exigem diálogos, reflexões e planejamentos, ficam evidentes as dificuldades que os licenciandos encontram ao se depararem com a realidade escolar, diante dos problemas e conflitos do cotidiano. Essas dificuldades são expostas nas reuniões e

refletidas coletivamente pelos residentes, que, orientados pelos coordenadores, docentes da universidade e pelos professores preceptores, buscam caminhos para solução. Por meio dos eixos temáticos, definidos no diálogo entre as propostas dos projetos e a demanda das escolas, ocorrem as análises das situações do cotidiano escolar e dos processos de ensino e de aprendizagem. Assim, coloca-se como grande desafio nesse processo a ampliação das possibilidades de qualificação da atuação dos futuros professores a partir de um espaço de problematização das práticas que privilegie a interlocução entre os conhecimentos teóricos, pela interação com a universidade, e pelas ações dos educadores implementadas no cotidiano das escolas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a imersão proposta pelo Programa Residência Pedagógica possibilita que haja o processo de formação inicial dos futuros docentes, alunos residentes, e continuada dos docentes em exercício, construído a partir das parcerias e dos compromissos assumidos com o processo de ensino-aprendizagem. Nessa parceria, universidade e escola se enriquecem, em suas concepções e práticas. As experiências vivenciadas pelos residentes são socializadas no interior da universidade, possibilitando um diálogo que, por muitas vezes, pode ser colaborativo e compartilhado com a comunidade.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Portaria n. 38, de 28 de fevereiro de 2018. Institui o Programa de Residência Pedagógica. Brasília: DF, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/01032018-portaria-n-38-de-28-02-2018-residencia-pedagogica-pdf/@@download/file/01032018-portaria-n-38-de-28-02-2018-residencia.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2023.

DAYRELL, J. T. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. T. (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

UNESP – Universidade Estadual Paulista. *Subprojeto Residência Pedagógica do Curso de Licenciatura em Pedagogia*, 2020.

